

JACKSON CARLOS DA SILVA

**UNIVERSO SÓCIO-CULTURAL DOS JOVENS ACADÊMICOS DO
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIRG: ESTRATÉGIAS E
PERSPECTIVAS DE PROFISSIONALIZAÇÃO**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
GOIÂNIA, SETEMBRO – 2008**

JACKSON CARLOS DA SILVA

**UNIVERSO SÓCIO-CULTURAL DOS JOVENS ACADÊMICOS DO
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIRG: ESTRATÉGIAS E
PERSPECTIVAS DE PROFISSIONALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada à Banca examinadora do Mestrado em Educação da Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação sob a orientação da professora: Dra. Maria Tereza Canezin Guimarães.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
GOIÂNIA, SETEMBRO – 2008**

S586u Silva, Jackson Carlos da.

Universo sócio-cultural dos jovens acadêmicos do curso de educação física da UNIRG : estratégias e perspectivas de profissionalização / Jackson Carlos da Silva. – 2008.

106 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de Educação, 2008.

“Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Canezin Guimarães”.

1. Jovens – ensino superior – curso de educação física – universo sócio-cultural. 2. Educação física – formação profissional. I. Título.

CDU: 378.046.2:796-053.6(043.3)
796-057.875(043.3)

JACKSON CARLOS DA SILVA

**UNIVERSO SÓCIO-CULTURAL DOS JOVENS ACADÊMICOS DO
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIRG: ESTRATÉGIAS E
PERSPECTIVAS DE PROFISSIONALIZAÇÃO**

Aprovada em -----/-----/-----

Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Ganezin Guimarães

Prof. Dr. Fernando Mascarenhas

Prof. Dr. José Maria Baldino

AGRADECIMENTOS

Em especial à Dr^a. Maria Tereza Canezin Guimarães, pela competente orientação na construção deste trabalho. E por ter proporcionado através de sua sabedoria, a maior transformação qualitativa da minha vida.

Ao professor Dr. Fernando Mascarenhas pelas contribuições fundamentais à investigação.

Ao professor Dr. José Maria Baldino, com quem que eu aprendi a admirar pelo seu carinho e sua competência. Obrigado pelas contribuições.

A todos os professores do mestrado.

Aos jovens que participaram da pesquisa, e não mediram esforços para colaborar.

Aos meus companheiros de trabalho da UNIRG, Jean Carlo, Lucilene Gomes, Paulo Lacerda e Ricardo Lira, que compartilharam um pouco das minhas angústias. . Em especial a minha coordenadora da SEMEC, Marília pela disponibilidade e compreensão em ajudar nesse meu processo de formação.

Aos colegas de mestrado Daniella Couto Lobo, Margarete Pozzobon e Leonardo Ângelo pelo carinho e suas contribuições no trabalho.

DEDICATÓRIA

Carinhosamente aos meus pais, Sr. Edival Sales da Silva e Sra. Maria Francisca de Fátima Sales, pelos quais tenho maior gratidão, por terem acreditado em mim e estruturado todas as condições possíveis para que esse sonho fosse realizado.

A minha esposa Ângela Roberta Felipe Campos, pelo amor e dedicação nessa empreitada junto comigo.

Aos meus irmãos Jander Julio Sales, Claydon Araújo de Carvalho, Laura Jordane e especialmente à Talita Claudia Sales pelo seu sentimento maternal.

Aos meus sobrinhos que amo muito, Caio e Camila

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido para a obtenção do título de Mestre em Educação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Católica de Goiás, na linha de pesquisa Educação, Sociedade e Cultura, a qual abrange temas relacionados à educação e suas relações intrínsecas com a sociedade e a cultura. Apresenta resultados de uma pesquisa com jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG, estado do Tocantins, com o propósito de analisar o universo sócio-cultural desses jovens, buscando compreender como lidam com os desafios do modelo *ser jovem* dominante na sociedade contemporânea. As práticas da atividade física e do culto ao corpo adquirem relevância na atualidade e resultam na ampliação e no desenvolvimento de novos campos de intervenção possíveis para o profissional de Educação Física. Assim, são criados espaços diversificados de atuação profissional, favorecendo o interesse de um significativo número de jovens por este campo de atuação. As questões que orientaram o estudo foram: quem são os jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG? Quais concepções de corpo, movimento e estética possuem frente ao modelo *de ser jovem* dominante na sociedade contemporânea? Quais suas perspectivas em termos de projetos de profissionalização? Como os jovens alunos lidam com os desafios da profissão? Os dados foram analisados a partir das contribuições de Pierre Bourdieu em termos de elementos conceituais (estratégia e campo esportivo) e também sobre os estudos recentes sobre Juventude, que possibilitaram a produção de categorias para melhor interpretar e analisar o problema em estudo. Quanto aos resultados, a pesquisa possibilitou o desenho do cenário em que os jovens acadêmicos se movimentam no processo de formação universitária, destacando aspectos históricos e epistemológicos que informam as peculiaridades que configuram a constituição da Educação Física como campo de formação de profissionais no Brasil. Sinalizou, também, o perfil dos jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG, caracterizando-os na condição de jovens e de alunos e apreendendo os sentidos atribuídos à família, à escola, ao trabalho, à religião e ao modo de ser jovem. Por fim, a pesquisa analisou fatores relacionados à situação de classe dos jovens acadêmicos e as estratégias por eles utilizadas para permanecerem no ensino superior, bem como as suas perspectivas profissionais.

Palavras-chave: jovens, ensino superior, educação física, universo sócio-cultural.

ABSTRACT

This study was designed to obtain the title of Master of Education of the Postgraduate Program *Stricto Sensu* at the Catholic University of Goiás, in line search of Education, Culture and Society, which covers issues related to education and its relations with the intrinsic society and culture. It presents results of a search with young scholars of the course of Physical Education of UNIRG, state of Tocantins, with the aim of examining the universe of socio-cultural couples, seeking to understand how to deal with the challenges of the model couple be dominant in contemporary society. The practice of physical activity and the cult of the body assume importance at present and result in expanding and developing new fields of intervention possible for the professional Physical Education. So diverse are created spaces of professional performance, favoring the interests of a significant number of young people in this field of activity. The issues that guided the study were: who are the young scholars of the course of Physical Education of UNIRG? What conceptions of body, movement and aesthetic front of the model couple to be dominant in contemporary society? What are your prospects in terms of projects of professionalism? As the young students deal with the challenges of the profession? The data were analyzed from the contributions of Pierre Bourdieu in terms of conceptual elements (strategy and field sports) and also on the recent studies on Youth, which enabled the production of categories to better interpret and analyze the problem under study. The results, the search has allowed the design of the scene where the young scholars will move in the process of university education, highlighting historical and epistemological aspects that inform the peculiarities that make up the formation of Physical Education as a field training of professionals in Brazil. Also, the profile of young scholars of the course of Physical Education of UNIRG, characterizing them on the condition of young people and students and learning the meanings assigned to the family, to school, work, religion and way of being young. Finally, the study examined factors related to the situation of class of young scholars and the strategies used by them to remain in higher education and their career prospects.

Keywords: youth, higher education, physical education, socio-cultural universe.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
-------------------------	----

CAPÍTULO 1

UM ESBOÇO DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

1.1 A constituição do campo da Educação Física no Brasil	21
1.2 A Educação Física e o Ensino Superior	31
1.3 Cursos de Educação Física e suas habilitações	36
1.4 Diretrizes do curso de Educação Física da UNIRG	39

CAPÍTULO 2

JOVENS ACADÊMICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIRG

2.1 A temática das juventudes	43
2.2 Jovens acadêmicos de Educação Física.....	42
2.3 Jovens acadêmicos e o desenho familiar	49
2.3.1 Jovens e os sentidos atribuídos à família	53
2.3.2 Jovens acadêmicos e os sentidos atribuídos à educação escolar	56
2.3.3 Jovens acadêmicos e o sentido atribuído ao trabalho	59
2.3.4. Jovens acadêmicos e o sentido atribuído à religião	61
2.3.5. Modos de ser jovem	63

CAPÍTULO 3

JOVENS E A CONDIÇÃO DE ALUNO: ESTRATÉGIAS E PROJETOS DE PROFISSIONALIZAÇÃO

3.1 Razões da escolha do curso	70
3.2 Estratégias de manutenção	74
3.3 Perspectivas profissionais	80

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
ANEXOS	94
Anexo I Roteiro do questionário	95
Anexo II Roteiro da entrevista.....	103

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, o corpo, o movimento e a estética têm ocupado um lugar privilegiado, e isso, de certa forma, vem repercutindo no universo sócio-cultural dos jovens, bem como no modelo de formação dos profissionais de Educação Física. Nesta direção, nesse curso de graduação tem se constatado um processo de expansão e a presença significativa de jovens, o que instiga a investigação acerca do universo juvenil.

O campo da Educação Física, no Brasil, é permeado por concepções diversas, tais como: educação, esporte e saúde, que estão expressas na formação acadêmica desse profissional. Desde a década de 1980, tornou-se objeto de inúmeras publicações e debates, principalmente em torno do currículo, que superou a ênfase dada somente ao aspecto esportivo e motor, ao propor avanços concernentes à preocupação com a educação, a saúde e a qualidade de vida.

A formação de profissionais em Educação Física vem se expandindo ao propor espaços diversificados, o que tem favorecido a uma expressiva procura do curso pelos jovens. Com a finalidade de suprir essa demanda, Instituições de Ensino Superior passam a oferecer alternativas de formação neste curso de graduação. Aliado a isso, algumas mudanças são propostas nos currículos de Educação Física, com o objetivo de atenderem ao mercado de trabalho, que demanda os campos da educação, esporte e saúde.

Em face desse cenário, em que questões sobre corpo, movimento e estética são relevantes, considera-se pertinente a reflexão sobre o campo de atuação do profissional de Educação Física. A temática torna-se pertinente, ao se analisar os anseios e os dilemas que os jovens vivenciam, bem como as relações sociais vivenciadas em diferentes espaços sociais, destacando aquelas relacionadas aos jovens e a sua formação em nível superior.

Tomando como ponto de partida a convivência, como professor, com jovens/acadêmicos do curso de Educação Física, delimitou-se como universo de análise, nesta investigação, os acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG¹. Assim, este estudo tem como objetivo apresentar uma análise do universo

¹ Centro Universitário, localizado na cidade de Gurupi, interior do estado do Tocantins.

sócio-cultural dos jovens/acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG, buscando apreender os modos de pensar e agir desses jovens, suas trajetórias escolares, sua vivência da condição juvenil, as razões que os levaram a buscar formação no campo da Educação Física e o projeto de profissional por eles visualizado.

Os jovens alunos que ingressam no curso de Educação Física, motivados por fatores diversos, durante o processo de formação aprendem estratégias para lidar com os diferentes sentidos dados à profissão. Desse modo, interessa examinar quem são esses jovens acadêmicos do curso de Educação Física frente ao modelo cultural dominante *de ser jovem*, na sociedade contemporânea

Partindo do pressuposto de que os jovens são movidos pelas formas e concepções sobre corpo, estética e movimento, construídas na relação posta pela sociedade contemporânea, formularam-se as seguintes questões norteadoras deste estudo: quem são os jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG? Quais concepções de corpo, movimento e estética possuem frente ao modelo *de ser jovem* dominante na sociedade contemporânea? Quais suas perspectivas em termos de projetos de profissionalização? Como os jovens alunos lidam com os desafios da profissão?

As questões propostas sinalizam para o interesse principal da pesquisa: investigar jovens acadêmicos do curso de Educação Física, buscando apreender quem são, como vivem a situação juvenil e a condição de aluno, quais anseios e perspectivas profissionais orientam suas ações. Cabe destacar que, questões relacionadas especificamente à escola e a sua dinâmica (propostas curriculares, metodologias de ensino, formas de avaliação, relação aluno-professor) são dimensões importantes nas pesquisas educacionais. No entanto, não constituiu objetivo desse trabalho investigar diretamente as formas da presença dessas dimensões na vida dos jovens acadêmicos. Assim, as questões referentes à escola aparecem nesse trabalho de forma indireta, na suposta existência da imbricação de territórios família-escola.

Diante da problemática formulada, foi necessário incorporar os estudos a respeito da categoria juventude. A concepção de juventude tem sido construída e alterada segundo os tempos históricos e a natureza das formações sociais. Tomando a sociedade brasileira como referência, é possível constatar diferentes

modelos culturais e concepções do que significa *ser Jovem*. Os jovens são tratados de forma diferenciada em cada sociedade e em cada momento histórico. Para Abramo (2005), a expressão juventude nasce com a modernidade e se ajusta aos filhos da burguesia, que são portadores de certas condições, como a suspensão das obrigações relativas ao trabalho e a dedicação aos estudos.

Na sociedade brasileira, pelo menos até a década de 1960, a visão que se tinha de juventude, segundo Abramo (2005) era a de jovens escolarizados da classe média que se mobilizavam para a transformação do sistema cultural e político, através de movimentos estudantis, da contracultura e do engajamento em partidos políticos de esquerda.

Já nos anos de 1970, os estudiosos, orientados pela teoria do capital humano, deram ênfase à forma de entrada dos jovens no mercado de trabalho e na vida ativa. Nessa perspectiva, quase transformaram esse tema em categoria econômica.

Nos anos de 1980, os olhares voltaram-se para as gangues de jovens urbanos, em virtude da diminuição da visibilidade das manifestações anteriores e, também, por causa do grande aumento de violência juvenil que se verificou no país. Conforme afirma Abramo (2005, p.38)

(...) durante o último quartel do século passado, o foco da preocupação ficou centrado na questão das crianças e adolescentes em situação de risco, que emergiu como um tema de extrema gravidade, desencadeando tanto uma onda de pânico social, como uma importante mobilização em torno da defesa dos direitos desse segmento, engendrando ações da sociedade civil e do Estado, e resultando no estatuto da criança e do adolescente (ECA), que se tornou em instrumento fundamental para implantar a idéia desses segmentos como sujeitos de direitos.

Em meio a essa visibilidade juvenil, emergiram, sobretudo no âmbito da sociologia, estudos e pesquisas sobre a juventude, cuja importância se relaciona ao fato de questionarem numerosas concepções e estereótipos negativos associados aos jovens. Nesse momento, as interpretações eram revistas por estudiosos que procuravam investigar quem eram os jovens, dissociando-os dos estigmas produzidos pela sociedade.

Muitos problemas atribuídos aos jovens, segundo Carrano (2003), não passam de componentes sociais e ideológicos fertilizados pela totalidade da sociedade. O referido autor critica o que qualifica de “olhar míope dos violentólogos”

que insistem em manter o estigma da violência associada à categoria juvenil ou que, também, em uma perspectiva moralista, procuram perceber o jovem a partir do crivo de desajustamentos relacionados à escola e à família.

A categoria juventude, sobre a qual esse estudo está pautado, não é aquela cronologicamente determinada exclusivamente pela faixa etária, mas aquela que é construída no movimento da história das formações humanas. Também, às jovens gerações são atribuídas qualificações como hedonismo, transgressão, individualismo, que transcendem as definições postas pela idade. Carrano (2003, p.115) tece algumas considerações acerca da ambigüidade e da indefinição sobre o conceito de juventude:

Algumas atitudes (no consumo, no tempo de lazer, na vida privada) fazem emergir a tendência e a possibilidade da fruição de certas prerrogativas atribuídas às jovens gerações (hedonismo, vitalidade, expressividade, indefinição nas escolhas), independentes da situação profissional ou de idade. A juventude transformada em símbolo (evocação do anticonformismo, transgressão, procura do risco e do prazer, onipotência) é também um estilo que ultrapassa as definições de idade.

Em estudos feitos sobre a condição juvenil no Brasil contemporâneo, Abramo (2005) reconhece que esse período de vida pode ser compreendido como uma etapa de transição para a vida adulta, considerando algumas características que podem marcar essa transição, tais como, finalização da escolaridade, inserção no mundo do trabalho, saída da família de origem, casamento e constituição de um novo lar.

Para os estudiosos da temática juventude, é denominador comum afirmar que não há uma única juventude, mas *juventudes*, “*dado o amplo leque das condições materiais e simbólicas de agrupamentos e organização, classes sociais, diferenças étnicas e religiosas, gênero e peculiaridades regionais*” (CANEZIN,2003, p.255). Além disso, juventude é uma categoria histórica e social que varia conforme o tempo histórico e as formas de a sociedade representar os jovens.

Assim, uma fértil contribuição para os estudos acerca da juventude é a distinção entre condição e situação juvenil. Sob a ótica de Abramo (2005, p.42)

(...) a condição juvenil é o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórico-geracional. A situação

juvenil revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc.

Sob essa perspectiva conceitual, o presente trabalho buscou apreender quem são os jovens e quais são os diferentes modos como a condição juvenil é vivida pelos jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG.

Neste sentido, a questão do acesso ao ensino superior é caracterizada como desigualdade, tanto no aspecto geográfico, em relação à distribuição de estabelecimentos por regiões do país, quanto na relação entre a instituição pública e a privada. Na expressão de Braga (apud Romanelli, 2002) nas instituições públicas, a clientela é predominantemente originária da classe dominante e de segmentos das camadas médias.

Pesquisas mostram que é reduzido o número de jovens estudantes de famílias operárias que freqüentam universidades públicas, e que apenas 9% dos jovens brasileiros na faixa etária entre 20 a 24 anos chegam à universidade. De acordo com o pensamento de Dantas apud Romanelli (2002), devido à recente expansão do ensino, a universidade abriga hoje uma clientela socialmente diversificada, atendendo alunos que têm o privilégio de ter o tempo integral para estudar, outros com tempo parcial, e alguns que precisam trabalhar para manter seus estudos.

Tem-se tornado habitual, entre os pesquisadores, a afirmação de que, no Brasil, nas últimas décadas, dois tipos de trajetória de escola vêm se estruturando. De um lado, freqüência a escolas privadas de ensino fundamental e médio e, depois, de ensino superior público para os favorecidos – o chamado circuito virtuoso e, por outro lado, freqüência a escolas públicas de ensino fundamental e médio e, depois, faculdades particulares (em geral de baixa qualidade) para os mais desafortunados- o chamado circuito vicioso (SOUZA APUD NOGUEIRA, 2000, p. 129).

Tendo em vista esse cenário das instituições de ensino superior, compreender a especificidade dos jovens acadêmicos do curso de Educação Física pode contribuir para o melhor entendimento da dinâmica do ensino superior frente aos processos de mudanças que ocorrem.

PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Para o desenvolvimento desta pesquisa, que propôs investigar o universo sócio-cultural dos jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG, e em razão da natureza do objeto e das questões que nortearam o estudo, foram utilizados, predominantemente, os fundamentos da pesquisa qualitativa, na qual *“o objetivo do investigador é o de melhor compreender o comportamento e experiência humanos. Tenta-se compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que consistem esses significados”* (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p.71)

As investigações qualitativas, segundo Bogdan e Biklen (1994), apresentam algumas características, tais como: o investigador é o instrumento principal; tende a ser mais descritiva; há mais interesse pelo processo do que pelos resultados ou produtos; a análise dos dados tende a ser de forma indutiva; e o significado é de importância vital para as abordagens qualitativas.

A escolha da amostra obedeceu aos critérios de uma pesquisa qualitativa. Pretendeu-se, conforme Minayo (2000), que os agentes pesquisados fossem uma parte significativa da “totalidade em suas múltiplas dimensões”, nesse caso fossem representantes dos jovens acadêmicos do curso de Educação Física.

Para compor a base empírica da pesquisa recorreu-se à pesquisa de campo, realizando análise de documentos, aplicação de questionário e entrevista, com o intuito de melhor conhecer o fenômeno e as fontes de informação.

Este estudo desenvolveu-se por meio dos seguintes procedimentos:

a) levantamento bibliográfico: revisão da literatura existente sobre a temática com o objetivo de apreender os conceitos que deram a sustentação teórica para a análise dos dados;

b) Coleta de dados: análise de documentos referentes à graduação em Educação Física da UNIRG, levantamento das características dos jovens alunos, mediante a aplicação de questionário e entrevistas aprofundadas.

c) Tabulação de dados: Os dados foram organizados com base nos instrumentos de coleta utilizados, resguardando-se suas especificidades;

d) Análise dos dados: Os dados foram analisados com base no referencial teórico proposto no estudo. Entretanto, buscou-se considerar, também, categorias que não foram previstas, mas que emergiram na pesquisa de campo e que se

tornaram significativas para o estudo.

Na escolha dos jovens a serem investigados inicialmente utilizou-se o critério de faixa etária: jovens estudantes com idade de 17 a 24 anos, de ambos os sexos, preferencialmente jovens que estivessem cursando períodos distintos, englobando do primeiro ao oitavo período. Foram selecionados 40 alunos de um universo de 312 matriculados no segundo semestre do ano de 2007, equivalente a uma amostra de 12,8% do universo. A partir do critério da faixa etária, os jovens foram convidados a responder o questionário, sendo 18 do sexo masculino e 22 do sexo feminino. O questionário, composto por 55 perguntas - 12 abertas e 43 fechadas - foi respondido por todos os selecionados. As perguntas foram organizadas partindo das seguintes unidades temáticas: perfil do jovem, trabalho, trajetória escolar, religião, modo de ser jovem e projeto profissional. A aplicação dos questionários aconteceu nas dependências da faculdade em horários marcados de acordo com a disponibilidade dos alunos.

Para além do levantamento que foi realizado para construir a tipologia dos jovens, foram selecionados 06 jovens para realizarem as entrevistas aprofundadas, em razão dos objetivos da pesquisa, adotando como critério a identificação com o curso, expresso em envolvimento em projetos da faculdade (extensão, monitoria, etc) ou que já estivessem trabalhando na área.

As entrevistas aprofundadas foram orientadas pela perspectiva teórica de Bourdieu e realizaram-se seguindo um roteiro que foi adaptado da pesquisa "Agrupamentos e Culturas Juvenis: espaços de sociabilidade e Formação", coordenada pela professora Dr^a. Maria Tereza Canezin Guimarães. O desenvolvimento da entrevista foi organizado a partir das seguintes categorias: ser jovem, família e religião, trabalho, escola/trajetória escolares e projeto profissional.

Fundamentada sob a concepção bourdieusiana, Canezin et al (2007), esclarece que, embora a relação que se estabelece na pesquisa tenha por fim a produção do conhecimento, ela permanece uma relação social que exerce efeitos sobre os resultados obtidos. As possíveis distorções podem, no decorrer da pesquisa, ser percebidas mediante "uma reflexividade reflexa, baseada num trabalho, num olho sociológico que permite perceber e controlar no campo, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura na qual ela se realiza" (BOURDIEU apud CANEZIN et al. 2007, p.13).

Nas palavras de Canezin (2007), a necessidade de dominar ou até mesmo minimizar os efeitos da violência simbólica que a entrevista produz no entrevistado exige uma “escuta ativa e metódica” entendendo, que o pesquisador constrói um discurso em que há, da parte do entrevistado,

(...) a submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir por uma espécie de mimetismo mais o menos controlado, a adotar sua linguagem e entrar em seus pontos de vista, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, do conhecimento das condições objetivas, comuns a toda categoria (BOURDIEU apud CANEZIN, 2007, p.12).

A partir da coleta e tabulação dos dados, o conjunto de informações foi trabalhado por procedimentos de compreensão, interpretação e análise, com vistas à explicação do problema em estudo. Procurou-se propor categorias para a análise dos dados: contextualização do cenário em que os jovens acadêmicos se movimentam no processo da formação universitária, identificação do perfil dos jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG, análise das estratégias de permanência e manutenção desses jovens no ensino superior, bem como suas perspectivas profissionais.

Nesta direção, os resultados da pesquisa sinalizaram o desenho do cenário em que os jovens acadêmicos se movimentam no processo de formação universitária, destacando aspectos históricos e epistemológicos que informam as peculiaridades que configuram a constituição da Educação Física como campo de formação de profissionais no Brasil. Também foi possível identificar o perfil dos jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG, caracterizando-os na condição de jovens e de alunos e apreendendo os sentidos atribuídos à família, à escola, ao trabalho, à religião e ao modo de ser jovem. Por fim, foram apresentados alguns fatores relacionados à situação de classe dos jovens acadêmicos e as estratégias por eles utilizadas para permanecerem no ensino superior, bem como as suas perspectivas profissionais.

Da investigação, resultou a exposição de três capítulos. O primeiro delimita o cenário em que os jovens alunos se movimentam no processo de formação universitária, destacando aspectos históricos e epistemológicos que informam as peculiaridades que configuram a constituição da Educação Física, como área de

conhecimento e de formação de profissionais no Brasil. O segundo capítulo identifica quem são os jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG, o que os caracteriza enquanto jovens e alunos (condição sócio econômica da família, grau de escolaridade dos pais, os tipos de escolas freqüentadas, relação entre estudo e trabalho, etc.) e o sentidos atribuídos à família, à escola, ao trabalho, à religião e ao modo de ser jovem. O terceiro capítulo apresenta os fatores relacionados à situação de classe e as estratégias por eles utilizadas para permanecerem no ensino superior, bem como as perspectivas profissionais.

Estudar o universo sócio-cultural dos jovens acadêmicos da UNIRG possibilitou conhecer esses jovens para além da condição de aluno, um sujeito que se movimenta nos espaços juvenis e se estabelece nas redes de sociabilidades e se estrutura através de estratégias em busca de um futuro melhor. Uma investigação desse porte contribui também para o processo de qualificação da prática pedagógica docente, tendo em vista que está se buscando conhecer melhor o sujeito central da relação que é o jovem acadêmico.

Por fim, em termos de contribuições, ressalta-se que os resultados apresentados nesta pesquisa buscaram colaborar com a compreensão do modo como os jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG vivem a condição juvenil, com vistas a conhecer as especificidades do campo e apreender anseios, expectativas e dificuldades desses jovens. Neste sentido, destaca-se a importância de provocar a reflexão acerca da situação juvenil brasileira e desencadear um processo de discussão em torno desse segmento da sociedade

CAPÍTULO 1

UM ESBOÇO DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

O objetivo do presente capítulo é melhor compreender o cenário em que os jovens alunos se movimentam no processo de formação universitária, tornando-se relevante pontuar alguns aspectos históricos e epistemológicos demarcadores das peculiaridades que configuram a constituição do campo da Educação Física no Brasil.

1.1 A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

A Educação Física constitui-se em área de saberes e práticas que vem se modificando ao longo dos anos. Para apreender esse processo de institucionalização dessa área de saber é preciso ter clareza sobre os movimentos que ocorreram para situá-la e legitimá-la como campo no sentido conceitual da teoria bourdieusiana.

Canezin (2002, p.99) chama atenção para a fertilidade do conceito de campo, segundo a sociologia desenvolvida por Bourdieu e nesta direção afirma:

Os campos são espaços de produção de bens simbólicos permeados por relações de poder expressas em conflitos, lutas, consensos entre os diversos agentes que, dispostos hierarquicamente, disputam o domínio destes bens como forma de autoridade, legitimidade e prestígio. A história dos diferentes campos revela confrontos entre indivíduos, grupos, instituições, pela maior ou menor detenção do capital simbólico acumulado.

Em espaços diferenciados como escolas, academias, lócus de desenvolvimento de práticas esportivas e de saúde, a Educação Física ganha contornos e especificidades até instituir-se como produção acadêmica e como campo portador de particularidades.

Partindo das décadas mais recentes da sociedade brasileira, é possível afirmar que a Educação Física, enquanto área de conhecimento e práticas recebeu influências da área médica, com ênfase nos discursos pautados na higiene, na saúde e na eugenia². Esses discursos, em geral, estavam articulados aos interesses militares. Ao final da década de 1960, também se percebe a influência dos grupos políticos dominantes, que viam no esporte um instrumento complementar de ação para promover a política. Nesse contexto, a Educação Física passou a ter a função de selecionar os mais aptos para representar o país em diferentes competições³.

O governo militar de 1964 apoiou o ensino de Educação Física nas escolas públicas e particulares, objetivando a formação de uma *juventude forte e saudável*, bem como a desmobilização de forças oposicionistas. Assim, estreitaram-se os vínculos entre esporte e nacionalismo. Castellani Filho (1993) analisa esse período como uma tentativa do Estado de reprimir os movimentos estudantis no sentido de desviar as atenções dos estudantes das questões de ordem sócio-políticas, contribuindo para a construção do modelo de corpo apolítico.

A partir da década de 1980, em virtude do novo cenário político, começa a aparecer no bojo da reabertura política do Brasil a influência das vertentes críticas da Educação Física. Essa perspectiva tem a capacidade de alterar radicalmente certas concepções presentes nesse campo. Segundo Ventura (2005), o aparecimento das Vertentes Críticas ocorre por vários fatores, dentre eles porque os militares não apontavam mais para a necessidade de formação continuada de professores em parceria com os EUA, pois os cursos de especialização aqui no Brasil eram ministrados por professores/técnicos americanos que por aqui desfilavam. Até 1980, os mestrados e doutorados eram feitos em Universidades

² Na fase do Higienismo, deu-se ênfase a medidas sócio-sanitárias, sociais e educacionais capazes de influenciar física e mentalmente, o desenvolvimento das qualidades hereditárias dos indivíduos e, portanto, das gerações. Segundo Carrano (2003), os higienistas viram na Educação Física um excelente meio profilático àquilo que consideravam a boa saúde individual e coletiva

³ Orientada por um caráter altamente tecnicista, essa fase valoriza o desporto de alto nível. O desporto surge gradativamente desde os anos de 1920 e 1930, porém a expansão do esporte acontece mais intensamente nas décadas de 1960 e 1970, institucionalizando-se quase que de forma autônoma. Pode-se afirmar que nesse período o esporte se consolida como um dos maiores fenômenos sociais, não só do Brasil, como no contexto mundial. O esporte domina o campo da Educação Física, dando ênfase ao treinamento desportivo e sendo legitimado pelo alto grau de avanço científico na fisiologia do esforço, na biomecânica, e no treinamento desportivo.

Americanas, especialmente San Diego e Wisconsin. Com o fim da parceria, não havendo possibilidade de autofinanciamento para o exterior e programas em Educação Física no Brasil, os professores se inscreveram nos Programas de Pós Graduação em Educação e, a partir da inserção no campo educacional, fazem contato com diversos autores da teoria crítica e, na busca de investigar objetos da Educação Física, articulam-se os conhecimentos desta área às teorias críticas da educação.

No final da década de 1990, é possível constatar que começou a haver algumas mudanças nas concepções de ensino da Educação Física no contexto nacional. Por meio de pesquisas acadêmicas, em geral realizadas pelos autores progressistas que impulsionaram as mudanças no campo, e que se expressaram em várias propostas metodológicas. Assim, constata-se como principal avanço, as preocupações com ênfase em aspectos pedagógicos, formação humana e reflexiva do profissional, o que levou a Educação Física ser pensada como uma proposta pedagógica, e não como uma disciplina curricular que introduz e integra o aluno à cultura corporal, como costuma ser entendida. Nesta perspectiva, a Educação Física tem como objetivo formar o cidadão que produzirá e transformará os elementos da cultura corporal, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, esportes, danças, lutas e ginástica em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.

Historicamente, pode se afirmar que as décadas de 1960 e 1970 são cruciais para o campo acadêmico da Educação Física. Na década de 70, a partir de um diagnóstico da Educação Física/Desportos no Brasil, e de acordo com Costa apud Bracht (1999), foi apontada uma deficiência no âmbito da medicina desportiva, considerada um dos pontos fracos da área. A partir daí, investimentos foram orientados para melhorar o nível e o desenvolvimento científico da área, como o incentivo à pós-graduação e os investimentos em laboratórios de fisiologia do exercício. Nesse contexto, é fundada, no final dos anos 70, uma nova entidade científica, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), o que fez com que a produção acadêmica se voltasse para o fenômeno esportivo.

A legitimidade do fenômeno esportivo tem ilustrações nos estudos de Bourdieu (1983). A partir do conceito de campo, Bourdieu faz um estudo sobre

campo esportivo e aponta o conjunto de práticas e de consumos esportivos oferecidos aos agentes sociais, como uma oferta destinada a encontrar certa demanda social. Identifica objetos, práticas e consumos esportivos, buscando entender o sentido que assumem nas relações sociais. Refletindo sobre o campo esportivo, Bourdieu (1983) pergunta: Como foi se constituindo o campo esportivo? E mais precisamente, quando foi que este sistema de agentes e de instituições começou a funcionar como um campo de concorrência, no qual se defrontam agentes com interesses específicos, ligados às posições que aí ocupam? O autor infere que o campo das práticas esportivas é o lugar de lutas em que, dentre outras coisas, os agentes disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo- de elite e esporte popular- de massa.

Assim, pode-se concluir que a importância social e política do fenômeno esportivo é que faz parecer legítimo o investimento científico nesse campo. Por sua vez, aqueles que atuam no campo ou tem interfaces com ele privilegiam o tema do esporte, porque é ele que oferece as melhores possibilidades de acumulação de capital simbólico ⁴ por via de seu tratamento científico. São pesquisas que dele se ocupam que têm maiores chances de serem reconhecidas no campo e fora dele. Portanto, pode-se dizer que a importância política e social do fenômeno esportivo é que confere legitimidade ao próprio campo acadêmico da Educação Física. O fenômeno esportivo tem uma dimensão tão grandiosa, que se aponta a possibilidade de se fundar realmente a legitimidade de uma ciência social do esporte, como objeto científico separado, algo que no universo da constituição do campo da Educação Física ainda não foi possível.

Como um fenômeno, o esporte tem sido definido de várias formas por diferentes autores. De acordo com Betti (1991, p.121), por exemplo, esporte é:

(...) uma ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde,

⁴ Que corresponde ao conjunto dos rituais (como as boas maneiras ou o protocolo) ligados à honra e ao reconhecimento. Afinal, apenas o crédito e a autoridade conferem a um agente o reconhecimento e a posse das três outras formas de capital (econômico, cultural e social). Ele permite compreender que as múltiplas manifestações do código de honra e das regras de boa conduta, não são apenas exigências do controle social, mas são constitutivas de vantagens sociais com conseqüências efetivas.

seu resultado é determinado pela habilidade e estratégia do participante, e é, para este, gratificante tanto intrínseca como extrinsecamente .

Nota-se claramente, nessa definição, um esforço do autor em torná-la bastante abrangente para incorporar uma diversidade de elementos. Apesar disso, sabe-se que existe ainda muita controvérsia sobre questões como a institucionalização, as regras e a ludicidade como elementos identificadores do esporte.

As características que definem o esporte não podem ser entendidas como equivalentes às razões e motivações que levam as pessoas a dele participar. Vários são os motivos que levam as pessoas a se envolverem com o esporte. Muitos o fazem não por razões funcionais ou utilitárias, como aptidão física e saúde, mas por razões fundamentalmente hedonistas ou estéticas.

Nesse contexto, como salienta Bracht (1999), é que se permite firmar a Educação Física nas universidades, com um discurso científico da área, com reivindicações conseqüentes de cursos de pós-graduação, simpósios científicos, entidades científicas, financiamento de pesquisas científicas, estruturação de laboratórios de pesquisa, forjando um novo agente social, o intelectual da Educação Física, ou seja, intelectual com formação específica em Educação Física e que almeja também a prática científica, isto é, reivindica e se lança à prática de teorizar cientificamente. Em princípio, o objeto é o fenômeno esportivo e a problemática central é a melhoria da performance esportiva.

A partir de 1970, a Educação Física é planejada e colocada explicitamente a serviço do sistema esportivo, desempenhando o papel de base da pirâmide, sistema esse que possuía como culminância a alta performance esportiva e a seleção dos mais aptos e a exclusão dos demais. Planejou-se constituir a Educação Física como elemento do sistema esportivo, devendo elevar o nível de aptidão física da população.

O campo da Educação Física foi permeado, nas décadas de 1970 e 1980, por saberes e profissionais de diferentes disciplinas. Segundo Bracht (1999), esse campo se constitui de forma pluridisciplinar, agregando médicos, psicólogos, sociólogos, professores de Educação Física, etc. É importante salientar que a teorização no âmbito científico se dá fundamentalmente a partir das ciências-mãe,

como a fisiologia e a psicologia. O profissional desse campo, num primeiro momento, estimulado pela busca de reconhecimento no e para o campo, vincula-se a uma especialidade ou a uma subdisciplina da Educação Física, e torna-se um profissional no âmbito da fisiologia do exercício, da biomecânica, da sociologia do esporte e não um profissional da Educação Física. Percebe-se, que a educação física enquanto prática pedagógica quase desaparece do horizonte de preocupações dessa teorização, com exceção das preocupações que buscavam identificar o procedimento mais eficiente para ensinar determinada destreza esportiva.

As preocupações pedagógicas que haviam caracterizado este campo em construção, até mais ou menos a década de 1960, são deslocadas para um segundo momento. E só após a abertura democrática, na década de 1980, é que as pesquisas mostram um aumento crescente das pesquisas na área que vai ser denominada, no interior das Ciências do Esporte, de Pedagógica, estudos centrados em propostas de Educação Física com ênfase nos aspectos humanos e educacionais, nas relações de trato com o corpo em detrimento das exigências motoras de resultados.

Isso acontece porque o sistema esportivo somente apropria-se do campo da educação como forma de buscar legitimidade social. No entanto, orientado por outros princípios, permanece a questão educacional apenas como recurso retórico. O que importa mesmo é o resultado, ou seja, a ênfase na competição para obtenção de resultados. Isso não significa que ele não tenha efeito educativo, ao contrário. Significa que a lógica que define as ações no campo esportivo (que determina o que está em jogo no campo) ignora e não é influenciada pelo resultado educativo – o campo ou o sistema esportivo é indiferente ao resultado produzido em termos educacionais. As ações no sistema esportivo não serão redefinidas em função de um melhor ou pior resultado educacional e, sim, em função de um melhor ou pior resultado esportivo. A constituição de um campo de práticas esportivas se dá a partir da elaboração de uma filosofia política do esporte. O esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de formar o caráter e inculcar a vontade de vencer, que é a marca dos verdadeiros chefes (BRACHT, 1999).

Assim, o esporte se impôs à Educação Física como conteúdo e como sentido da própria educação física (BRACHT, 1992). Compreende-se que o esporte, por muito tempo, legitimou de forma preponderante o campo de atuação da Educação

Física, tendo em vista que seu discurso coincide com aquele que é desenvolvido nos planos educativo e da saúde.

Outro aspecto a ser considerado parte do princípio de que o esporte se impôs também como tema orientador da teorização neste campo acadêmico em construção. Chegou-se aqui a uma situação em que, na esteira de Bourdieu apud Bracht (1999), poderíamos denominar de subordinação estrutural, com o campo acadêmico da Educação Física, usufruindo quase nenhuma autonomia para determinar a problemática teórica a ser privilegiada no campo.

Cabe ressaltar que, mesmo com o referido avanço na produção teórica da Educação Física no Brasil, a partir dos anos 1980, os estudos e pesquisas da área sinalizam que a implementação de mudanças efetivas no cotidiano da prática dos professores está ainda distante dos espaços de atuação.

Ocorreram avanços no campo da Educação Física para além do reducionismo do esporte. Falcão (2007) chama atenção para as mudanças que ocorreram a partir de 1980, contribuindo para possibilitar maior visibilidade à área, entretanto, essas mudanças não foram necessariamente transformadoras no sentido de produzir grandes rupturas.

A área carece de avanços mais significativos, afirma Falcão (2007), salientando que a produção do conhecimento precisa dialogar, numa perspectiva político-científica, com os gritos e os silêncios das classes populares e, a partir dessa relação, reavaliar seus procedimentos, e suas ações na estrutura sócio-educacional.

São várias as razões que levam à reflexão por maior atenção de pesquisadores para uma pedagogia da Educação Física. A primeira razão é que a riqueza de pesquisas, propósitos, projetos e idéias pedagógicas dos anos 1990 foram paulatinamente se esgotando, pelo visto:

É possível verificar esse fenômeno, inclusive no interior do CBCE, ou seja, a partir dos GTs nos congressos. Inicialmente, ao se instituírem os GTs, o grupo temático mais concorrido era o da Escola e, embora ainda seja um dos mais fortes e melhor organizados, parece ser o que possui mais força de atração para um grande número de pesquisadores e participantes nos eventos. (KUNZ, 2007, p. 91).

Percebe-se, ainda, no contexto atual da Educação Física uma evolução de publicações com temáticas cada vez mais abrangentes. Inclusive, algumas com grande profundidade teórica, com capacidade de questionar o homem, a sociedade e o mundo por meio do esporte e das atividades físicas em geral, mas com poucos elementos que contribuem realmente para a reformulação da área, especificamente da atuação profissional na escola.

Pode-se verificar que, atualmente, o profissional da Educação Física que atua na escola recebe reduzidas contribuições dos pesquisadores críticos. Ele, o professor, ainda precisa recorrer às velhas formulações da década de 1990, que, embora não estejam desatualizadas, certamente poderiam ter sido ampliadas e aprofundadas. Assim, no interior da escola, o sistema esportivo continua legitimado. E toda essa lógica influencia de maneira significativa a constituição dos cursos Educação Física nas universidades brasileiras (KUNZ, 2007).

Com argumentos que vem de fora para dentro, Castellani Filho (1993) afirma que as mudanças ocorridas na Educação Física foram resultados de dois motivos distintos, porém não excludentes. O primeiro deles diz respeito ao modelo educacional que, no que tange à formação de homens com consciência do tempo em que vivem, deixava muito a desejar, precisando, portanto, ser modificado para sincronizar aos novos tempos.

O segundo motivo está relacionado à produtividade. Assistia-se, naqueles anos, o avançar de um processo de automação da mão de obra, até então apoiada na força de trabalho humana, que secundarizou a importância da construção de um corpo produtivo.

(...) Partindo de um movimento articulado de “fora para dentro” vamos perceber que o conhecimento, por parte da lógica capitalista, de que a construção do corpo produtivo já não se fazia tão necessário, não significou dizer que simplesmente foi o corpo abandonado enquanto campo de interesse – pelo pensamento dominante em nosso modelo econômico fundado no modo de produção capitalista. O que se deu, de fato, foi um deslocar das atenções sobre o corpo, do movimento de produção – lócus da ênfase ao corpo produtivo – para dentro da mesma lógica capitalista, o de consumo, cunhando-se desta maneira os modelos de corpos mercador e mercadoria. (CASTELLANI FILHO, 1993, p.121).

Uma “nova” discussão que tem influenciado fortemente os cursos de Educação Física no Brasil são as reflexões sobre o corpo. Percebe-se esse movimento na medida em que a problemática sobre os diversos tratamentos dado ao corpo ao longo da nossa história, como a responsabilidade da Educação Física no trato subjetivo com o corpo.

Ao propor um recorte histórico muito significativo e que de certo modo definiu a trajetória da área, e que ainda hoje exerce grande influência no campo de atuação da Educação Física, encontra lócus na concepção mecânica da ciência. Nessa concepção o corpo foi idealmente decomposto em partes funcionais, e os movimentos passaram a ser objeto da Geometria Analítica e foram quantificados pela Matemática, por meio de cálculos que buscavam favorecer os gestos. O dualismo entre corpo e mente presente na filosofia cartesiana representou um profundo fosso entre o pensar e o existir. Nessa perspectiva, o corpo é um suporte material para a realização de uma intenção espiritual racionalista, e a suprema racionalização do espírito conferiu ao corpo um estatuto de subordinação às exigências da alma e da razão, diferentemente das relações do corpo, da culpa e da dádiva expressos pela espiritualidade do catolicismo medieval, por exemplo. (CARRANO, 2003).

O corpo aparece na contemporaneidade como um capital valorizado não apenas pela burguesia, e transforma-se em espaço simbólico, com um valor *superior* para diferentes camadas da sociedade, tornando-se capaz de denunciar o estilo de vida e um conjunto de normas de conduta e também de identificar a *qual tribo está ligada o indivíduo* que o identifica ou o distingue dos outros, constituindo-se em um sinal indicativo de certa virtude humana, que “*como as roupas, surge como símbolo que consagra e torna visíveis as diferenças entre os grupos sociais*” (GOLDENBERG, 2002, p. 38). O corpo adquire, dessa maneira, uma quantidade significativa de símbolos diversificados. O corpo *em forma*, com tudo aquilo que ele simboliza, submete os indivíduos das camadas médias e superiores a um estilo de vida e a um conjunto de normas de conduta, recompensados pelo pertencimento a um grupo de valor.

As sociedades contemporâneas promovem um culto ao corpo “em que se torna comum a idéia de que a preocupação com a aparência e juventude está cada vez mais disseminada em todas as classes, profissões e faixas etárias”

(GOLDENBERG, 2002, p. 8). Os jovens acadêmicos do curso de Educação Física fazem parte desse cenário. Transitam em um universo de formação que possibilita a sua inserção em ambientes profissionais como as academias, para atuarem na forma de *autoridades* capazes de ditar as regras e estimular o que é necessário ser feito para a aquisição do corpo exigido pela sociedade atual.

A valorização da juventude no mercado de signos é o que Abad (2003) denomina na sociedade contemporânea de fenômeno da juvenilização da cultura. Diz o referido autor:

Atualmente ser jovem tornou-se prestigioso, pois no mercado dos signos, aqueles que expressam juventude são altamente cotizados, e o intento de parecer jovem, recorrendo à incorporação dos signos que caracterizam o juvenil, dá lugar a uma modalidade do jovem independente da idade e que podemos chamar de *juvenilização da cultura*, ou seja, a aquisição e exibição do juvenil como diferença, colocado no lugar mais visível socialmente, isto é, no próprio corpo (ABAD, p.27).

A cultura de juvenilização ganhou todos os espaços possíveis – a escola, a rua, o trabalho, o interior das casas – e continua diariamente invadindo as entranhas dos indivíduos de todas as idades, permitindo que um padrão controlado seja imposto a todas as pessoas. Há um paradoxo nesse *estado de coisas*. Ocorreu a instauração de uma nova moralidade social que demonstra liberação física e sexual, mas que induz os indivíduos sociais a uma conformidade, a um determinado padrão estético: a tão considerada *boa forma*. Esclarece-se, assim, a contradição que existe no culto do corpo, das classes médias: “quanto mais se impõe o ideal de autonomia individual, mais aumenta a exigência de conformidade aos modelos sociais do corpo” (GOLDENBERG, 2002, p. 9). Assim, pode-se perceber que o homem na sociedade atual está subsumido à aparência física *idealizada* pelo modo de produzir e viver dessa sociedade.

[...] a publicidade, que antes só chamava a atenção para um produto exaltando suas vantagens, hoje em dia serve, principalmente, para produzir o consumo como estilo de vida, procriando um produto próprio: o consumidor, perpetuamente intranquilo e insatisfeito com a sua aparência (p. 32).

O corpo constitui-se, com base em suas relações históricas, na materialidade de suas ações em um ponto central, pois nele se inscrevem as regras ditadas pela sociedade. É o primeiro plano de visibilidade humana, lugar

privilegiado das marcas da cultura, ou espaço de imposição de limites psicológicos e sociais (SOARES, 2001). Conforme assinala Carrano (2003), os relacionamentos humanos são complexos e corpóreos e correspondem, em última análise, à vida social. O corpo não deve ser esquartejado e entendido somente como corpo biológico ou como um simples reflexo da macro política, na verdade, ele existe além de suas dimensões biológicas, como símbolo das suas culturas de referência. As sociedades elaboram práticas educativas e técnicas corporais que projetam “nos corpos de seus súditos, escravos, membros ou cidadãos, valores e formas sociais adequados a determinada subjetividade que deseja produzir” (p.41).

Nesta direção, pode-se refletir e perceber que grande parte dos atuais cursos de Educação Física tem se preocupado não somente com o debate sobre o papel do corpo na formação profissional acadêmica, mas de que maneira esses futuros profissionais se apropriam ou vão lidar com esse olhar sobre o corpo.

Os profissionais do campo da educação física têm a necessidade epistemológica e o compromisso político de repensar o sentido do corpo na sociedade contemporânea. Têm o desafio de contribuir com os processos educativos emancipatórios que investem na possibilidade de criação de corpos autônomos em contraposição crítica aos usos abusivos da lógica capitalista em relação ao corpo, o que produz verdadeiros fantoches conduzidos pelos ideais das classes hegemônicas.

1.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ENSINO SUPERIOR

Inquestionavelmente, o campo da Educação Física no Brasil ampliou-se nas últimas décadas. Nesse movimento, materializaram-se mais de quinhentos cursos de graduação centenas de cursos de especialização e mais de uma dezena de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, (Neira, 2005).

Os primeiros cursos de Educação Física no Brasil surgem no início do século XX, com a Escola de Educação Física da Polícia Militar de São Paulo e a Escola Superior de Educação Física do Exército (RJ). O primeiro curso civil foi implantado

na Escola Nacional de Educação Física, na Universidade do Brasil em 1937 no Rio de Janeiro. Esse curso e os demais criados entre as décadas de 1930 e 1960 atendiam uma formação voltada para a lógica do projeto de industrialização brasileiro, no qual as novas demandas solicitavam um amplo atendimento aos meios crescentes de produção fabril. No caso da Educação Física, os cursos visavam preparar o professor para a formação do físico do homem trabalhador, para que este possuísse o máximo de competências para a produção. Como se pode notar, essa formação tinha um caráter médico-higienista:

A Educação Física preconizada pelo pensamento médico-higienista era aquela estruturada em bases fisiológicas e anatômicas, as únicas consideradas científicas. A partir, portanto, de um entendimento anátomo-fisiológico do movimento humano, os médicos colocavam o estudo da higiene elementar como preparatório da Educação Física, tornando-a, particularmente na escola, um procedimento higiênico a ser adotado na aquela instituição e incorporado como hábito para toda a vida (SOARES, 1994, p.122).

Nesse contexto, a Educação Física contribuía com o projeto da sociedade burguesa: visava à formação do corpo individual saudável, enquanto unidade produtiva da sociedade capitalista, justificando que corpo doente não era produto do sistema de produção que explorava ao máximo o físico do trabalhador, mas fruto de uma vida desregrada de moral e de hábitos salutar, na qual as classes populares viviam.

Em 1939, coroando os esforços que há muito vinha fazendo a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, por meio do Decreto-lei nº 1.212 cria a Escola Nacional de Educação Física e Desportos⁵, integrando a Universidade do Brasil. Assim sendo, uma vez registrado o diploma de licenciado em

⁵ Art. 1 – Fica criada, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de educação Física e desportos que terá por finalidade:

- formar pessoal técnica em educação física e desportos,
- imprimir ao ensino da educação física e dos desportos, em todo o país, unidade teórica e prática,
- difundir, de modo geral, conhecimentos relativos a educação física e aos desportos,
- realizar pesquisas sobre a educação física e os desportos, indicando os métodos mais adequados a sua prática no país.

O art. 32 desse diploma legal estabeleceu:

Art. 32 – Aos alunos que concluírem o curso superior de educação física, ou curso normal de educação física, o curso de técnica desportiva, o curso de treinamento e massagem ou o curso de medicina da educação física e dos desportos, na forma desta lei, serão conferidos respectivamente os diplomas de licenciado em educação física, de técnico desportivo, de treinador e massagista ou de médico especializado em educação física e desportos.

Educação Física no órgão competente do Ministério da Educação (então Divisão de Educação Física, subordinada ao Departamento Nacional de Educação), o seu portador fazia jus ao título de professor de Educação Física.

Nesse período, a formação acadêmica de Educação Física era bastante diferenciada das demais faculdades, pois para essa exigia-se apenas o curso secundário e tinha a duração de dois anos. Marinho⁶, escrevendo sobre o processo de formação profissional dos licenciados em Educação Física nessa época, afirma que os exercícios eram objetos de ensino, de notas e exames, os alunos precisavam aprender a sua técnica, conhecer os seus efeitos, estudar a cinesiologia, executá-la com habilidade. A formação do licenciado de Educação Física precisava estar alicerçada em conhecimentos sólidos, revestir-se de um profundo cunho científico e técnico. O projeto de aumentar a duração do curso de dois para quatro anos possibilitaria alcançar esse nível, diferentemente de outras faculdades criadas na mesma época (Pedagogia, Filosofia e Letras) que tinha a duração de quatro anos.

A habilitação do profissional de Educação Física também era diferenciada dos demais cursos. Formavam-se profissionais nos seguintes níveis: técnicos, especialistas, monitores e professores.

Em 1945, o curso de Educação Física passa de 2 para 3 anos e, em 1950, passa-se a exigir para a prestação do vestibular, o certificado de conclusão do curso clássico ou científico. A partir de então, começa a ser traçada uma nova trajetória acadêmica científica para a área, através do envolvimento de cidadãos civis no processo de formação profissional.

No período entre 1964 e 1980, com a instalação do regime militar, seu governo autoritário manteve o poder através da coerção e da coação de todos os grupos que se opunham à organização política, econômica e social características desse período.

Na educação superior, um fato muito importante deve ser ressaltado: a reforma universitária, através da Lei nº 5.540 de 1968. Caracterizou-se pela intenção de preparação de mão de obra especializada, para dar base ao crescimento econômico gerado pelo progresso industrial brasileiro.

⁶ O professor Inezil Penna Marinho (1915-1987) foi, durante toda a sua carreira, um dos maiores incentivadores das ações de intercâmbio científico e profissional da educação física, cujas obras incentivaram o pensamento pedagógico da Educação Física brasileira.

Compreender algumas características do ensino superior no Brasil se torna fundamental, principalmente quando se tem referência em estudos como os de Romanelli (2002), que têm revelado a ocorrência nas últimas décadas de transformações substanciais como: a expansão tanto em número de estudantes quanto natureza e tipo de instituições de ensino, a diversidade de clientela com ingresso de alunos de camadas médias e camadas populares, a criação de novos cursos em razão da lógica do mercado e do mundo do trabalho. Com o objetivo de apresentar alguns dados sobre a expansão acelerada das Instituições de Ensino Superior (IES) iniciada nos anos 60, são apresentados alguns dados:

(...) cresce o número de matrículas, que passam de 107.509 em 1962 para 1.868.529 em 1996. O sistema de ensino superior conta com 922 instituições, das quais 136 são universidades, 643 são estabelecimentos isolados e 143 são federações e faculdades integradas (Dantas, 1998). Esse crescimento ocorre de modo desigual no país, pois, em 1996, a região sudeste abrigava 62,4% e a norte apenas 3,7%. A distribuição regional desequilibrada e acompanhada por uma predominância de IES privadas em todas as regiões do país, que correspondem a 77% do total de estabelecimentos de ensino superior. Entre 1980 e 1996, ocorre um aumento das universidades estaduais, que passam de nove para 27, e das particulares, que, de 20, saltam para 64 (DANTAS apud ROMANELLI, 2002, p.102).

A demanda crescente advinda da efetividade do ensino médio e o aumento da produção nacional pressionaram o aumento de vagas na educação superior, e essa necessidade foi suprida, sobretudo, com a ampliação restrita do número de vagas no setor público e o incentivo do governo para a expansão do setor privado. Com isso, a expansão da educação superior, principalmente das instituições privadas, nesse período é fato, sendo demonstrado através dos dados fornecidos pelo INEP em 2003: em 1960 existiam 93.000 matrículas, 51.000 nas instituições privadas e 41.000 nas instituições públicas, já em 1985, das 1.367.609 matrículas, 556.680 correspondiam às instituições públicas e 810.929 às instituições privadas.

A Educação Física nesse período recebeu as influências do esporte em ascensão, em que os princípios de ambos tornaram-se os mesmos: o rendimento atlético esportivo, competição, comparação de desempenho e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo é sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas. Com isso, a Educação Física transformou-se em um braço do esporte, cuja tendência, segundo Correa e Moro (2004), mantém-se hegemônica até

os dias de hoje.

Com o término da ditadura, o Brasil atravessou um período de transição democrática (1980 - 1996), denominado por Vieira (2000) de "Tempos de Transição". A autora entende que, durante o regime militar, havia uma clara intenção das políticas educacionais de atrelar a importância da educação ao desenvolvimento econômico, porém nos "Tempos de Transição", o Brasil vivencia uma etapa de indefinição de rumos, devido ao novo momento político e econômico em que o país se encontrava.

A Educação Física, nas décadas de 1980 e 1990, sofreu influências das teorias críticas sociais, que reorientaram sua prática, tencionando o aprimoramento pedagógico da área. Dessa forma, novos subsídios teóricos foram lentamente ocupando o lugar deixado pelos "velhos" conhecimentos (BRACHT, 1999).

De acordo com os dados do INEP (2004), no Brasil, até o ano de 2004 foi encontrado um total de 521 cursos de Educação Física no ensino superior, sendo que a maioria, 48,9%, encontra-se na região Sudeste. Entende-se que esta demanda pode ser explicada pela relação entre alta densidade demográfica da região, tendo em vista que é nas regiões mais populosas que se encontra o maior contingente de "possíveis matrículas", dada a necessidade social de profissionais qualificados no setor de prestação de serviços.

No estado do Tocantins existem hoje três cursos de Educação Física, que estão localizados um na cidade de Palmas, sendo oferecido pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP) ; outro em Gurupi, pela UNIRG e um terceiro em Araguaína, pela Faculdade de Educação Física de Araguaína. O primeiro curso de Educação Física criado no Tocantins foi em Gurupi, tendo início no ano de 2000, e seis meses depois foi iniciado o curso na cidade de Palmas e o terceiro curso só teve suas atividades iniciadas no ano de 2004.

O Estado de Tocantins, que tem atualmente pouco mais de milhão de habitantes, ainda tem um déficit muito grande de profissionais de Educação Física para trabalhar nas cidades do interior, e esses três cursos atendem a essa demanda, preparando os profissionais para preencher essas lacunas, principalmente para atuar na rede educacional.

1.3 CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS HABILITAÇÕES

A formação em Educação Física hoje se efetiva em cursos de graduação que poderão certificar os formandos em duas habilitações: licenciatura ou bacharelado, objetivando a formação com vistas à ação profissional em diferentes campos de atuação, atendendo às diversas manifestações da cultura corporal na sociedade contemporânea.

A licenciatura tem como amparo legal, para a constituição de seu currículo, as diretrizes estruturadas no parecer CNE/CP 009/2001 e nas resoluções CNE/CP 001/2002 e 002/2002, objetivando, no desenvolvimento do curso, capacitar o profissional de Educação Física para atuar em instituições públicas ou privadas de ensino da educação básica, ou seja, na educação infantil, no ensino fundamental e no ensino médio (BRASIL, 2001).

Já a habilitação em bacharelado referencia-se no parecer CNE/CES 0058/2004 e na resolução CNE/CES 0007/2004 que o institui, perspectivando a formação do profissional de Educação Física e habilitando-o a atuar em diferentes campos como planejador, organizador, administrador, orientador de atividades físicas, esportivas e de recreação e lazer, em instituições públicas ou privadas, atuando em academias, clubes esportivos etc., podendo ainda realizar atividades de lazer em redes hoteleiras, orientação postural em empresas, assessorias de esportes e lazer em prefeituras, e na área da saúde na orientação de atividade que visem à prevenção de doenças e à manutenção e melhoria da saúde (BRASIL, 2004).

O que a resolução CEN/CP 001/2002 (relativa às Diretrizes Curriculares para os cursos de formação de professores da educação básica) instituiu, a resolução CNE/CES 007/2204 (relativa às Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física) confirmou, ou seja, a separação entre a licenciatura e o bacharelado, na formação do profissional de educação física (BRASIL, 2002).

Em resumo, Licenciatura e Bacharelado são duas formações distintas com intervenção profissionais separadas. A esse respeito refere, inclusive, a resolução CNE/CES N 07/2004 no seu artigo 4, 2, estabelecendo a distinção:

O professor da Educação Básica, licenciatura plena em Educação Física, deverá estar para a docência deste componente curricular na educação básica, tendo como referência a legislação própria do Conselho Nacional de Educação, bem como as orientações específicas para esta formação tratadas nesta resolução (BRASIL, 2004).

Anterior a resolução CNE/CES N 7/2004, a Resolução CNE/CP N 01/2002 (BRASIL, 2002) instituía as diretrizes Curriculares nacionais para a Formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena:

Art. 1. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, constituem-se de um conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização institucional e curricular de cada estabelecimento de ensino e aplicam-se a todas as etapas e modalidades da educação básica.

At. 3. A formação de professores que atuarão nas diferentes etapas e modalidades da educação básica observara princípios norteadores desse preparo para exercício profissional específico, que considerem:

- I – a competência como concepção nuclear na orientação do curso;
- II – a coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro professor, tendo em vista:
 - a) a simetria invertida, onde o preparo do professor, por ocorrer em lugar similar aquele em que v o que faz na demanda consistência entre o que faz na formação e o que dele se espera;
 - b) a aprendizagem como processo de construção de conhecimentos, habilidades e valores em interação com a realidade e com os demais indivíduos, no qual são colocados em uso capacidades pessoais;
 - c) Os conteúdos, como meio e suporte para a constituição das competências;
 - d) A avaliação como parte integrante do processo de formação que possibilita o diagnóstico de lacunas e a aferição dos resultados alcançados, consideradas as competências a serem constituídas e a identificação das mudanças de percurso eventualmente necessárias.
- III – a pesquisa, em foco no processo de ensino e de aprendizagem, uma vez que ensinar requer tanto dispor de conhecimentos e mobilizá-los para a ação, como compreender o processo de construção do conhecimento.

A cultura de formação em Educação Física, ainda não permite ao profissional da área gozar um sentimento de legitimação social e autonomia acadêmica que enseje autoconfiança e definição de atuação profissional.

Tal divisão se caracteriza num assunto polêmico no campo, pois acredita-se que um professor de Educação Física, em qualquer área de intervenção decorrente da sua habilitação, advindo dos cursos de formação de Licenciatura ou Bacharelado, é um profissional que precisa ter habilidades e competências para desenvolver processos educativos que integram as ações acima relatadas, mediando e integrando, em sua ação profissional, a teoria e a prática, o discurso e a ação.

Pensando assim, o profissional de Educação Física, em qualquer área de atuação, é um professor, e, dessa forma, precisa de uma boa formação pedagógica. Porém, (...) *a realidade obriga a que se ofereça um curso de educação física comprometido com a criticidade necessária ao entendimento de que educar é avançar no sentido do alcance da cidadania (MARTINS, 2006, p.162).*

Não basta reproduzir os conhecimentos já dominados, muito menos caminhar no sentido de tarefas a serem seguidas sem a mínima reflexão dos porquês. Se a Educação Física, notadamente até a década de 1970, aprimorou-se em execuções padronizadas, em movimentos mecânicos, em ritmos uniformes, já a partir da década de 1980, muitos profissionais da área contestaram tais princípios, fazendo com que surgissem propostas de uma pedagogia contextualizada, centrada nas relações humanas e conscientes de sua história, como construção coletiva.

Considerando a amplitude da área, as disciplinas relativas ao campo educacional precisam superar o modelo desportivo imposto por décadas para a Educação Física, cópia adaptada do modelo de alto rendimento que objetivava o resultado e a conseqüente exclusão, propondo uma participação coletiva que respeite as diferenças e diversidades, e a inclusão como possibilidade de manifestação do ser humano inserido em sua sociedade e cultura. Isso não quer dizer que não se leve em conta a aprendizagem do desenvolvimento da técnica; esta pode servir de suporte para o desenvolvimento de uma prática pedagógica adequada. Aliadas às disciplinas teóricas, essas aprendizagens permitem que o futuro profissional compreenda como se produzem os processos de ensino-aprendizagem.

Face ao exposto, acredita-se na construção de uma postura cidadã dos profissionais de Educação Física, desejando que as instituições de ensino superior efetivamente se comprometam com uma formação profissional de qualidade, impedindo o sucateamento dos cursos de graduação de Educação Física; que privilegiem a formação de professores competentes para atuar nas instituições de ensino formal e profissional e na orientação de atividades físicas e esportivas, fortalecendo a estrutura de atuação de uma área de conhecimento e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida daqueles que buscam nela orientação.

1.4 DIRETRIZES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIRG

A história da UNIRG está ligada ao desenvolvimento da cidade de Gurupi-TO. Em 1985, atendendo aos pedidos do poder público da cidade, a Câmara Municipal de Gurupi aprovou a Lei nº 611/85, que criou a Fundação Educacional de Gurupi, mantenedora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Gurupi, caracterizando-se como uma entidade autônoma da administração indireta de Gurupi, que se constituiu em uma Fundação Pública, com responsabilidade jurídica de direito privado.

Em 2008, com ato de credenciamento pelo Conselho Estadual de Educação (CEE), a instituição passou a ser Centro Universitário, alterando a denominação para Centro Universitário UNIRG, sendo que a Fundação UNIRG continua sendo sua entidade mantenedora. Como Centro Universitário terá mais autonomia, investimentos para a pesquisa e extensão. A UNIRG existe há mais de 20 anos, foi a primeira instituição de ensino superior do estado do Tocantins e agora também é o primeiro Centro Universitário pertencente ao Sistema Estadual de Educação.

A UNIRG é hoje uma das principais instituições que oferecem ensino superior na região, atendendo também às necessidades do Estado e do país como um todo. São oferecidos atualmente 14 (quatorze) cursos de graduação - Administração, Ciências da Computação, Ciências Contábeis, Comunicação Social (Habilitação: jornalismo, publicidade e Propaganda), Direito, Enfermagem, Fisioterapia, Letras (Português/Inglês), Medicina, Odontologia, Pedagogia, Psicologia e Farmácia e Educação Física.

O curso de Educação Física da UNIRG teve seu início no ano de 2000, oferecendo habilitação em licenciatura plena. Os objetivos do curso, de acordo com o Projeto Político Pedagógico, estão voltados para orientar os procedimentos da ação educativa, com vistas ao desenvolvimento integral do homem, buscando os domínios filosófico, sociológico, político, psicológico, biológico e humanístico do processo educativo, numa perspectiva crítica, histórica e que explore o caráter científico da educação, tendo como referência o contexto sócio-econômico, cultural e político brasileiro, numa visão globalizada.

O projeto de implantação do Curso de Graduação em Educação Física da UNIRG visa atender à necessidade do mercado local e regional, como também contribuir para a reversão do atual quadro da realidade que ora se apresenta na grande maioria das escolas, pois possuem professores atuando em Educação Física sem a formação adequada.

De acordo com o projeto político pedagógico do curso, revisado em 2006, as disciplinas do núcleo comum do curso oferecem uma formação BÁSICA, constituída de sub-áreas, que compreendem conhecimentos do homem e da sociedade, conhecimento científico e tecnológico, conhecimento do corpo humano e seu desenvolvimento. Visa-se com isso oferecer ao graduando o domínio de competências de natureza técnico-instrumental, estabelecidas sobre uma atitude crítico-reflexivo, todas fundamentais ao exercício profissional do licenciado.

A cultura de movimento em suas manifestações clássicas e emergenciais, integrante da formação específica presente no núcleo comum, constitui-se de três sub-áreas de conhecimento: a didático-pedagógica; a técnico-funcional aplicada e a da cultura do movimento em suas variadas manifestações em jogos, esportes, ginásticas, danças e lutas (PPP, 2006).

De acordo com a obra *Metodologia do ensino da Educação Física* (1992), essas manifestações da cultura corporal expressam um sentido/significado nos quais se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade.

Além das disciplinas do núcleo comum, o curso traz em sua estrutura curricular disciplinas obrigatórias e eletivas, que contemplam uma gama de conhecimentos necessários e suficientes ao envolvimento e desenvolvimento dos alunos e docentes com variadas atividades acadêmicas. Isso possibilita a apreensão e exploração de atividades que contemplem temáticas emergentes na área e/ou à constituição de mais uma instância de reflexão sobre a realidade local e regional, bem como oferece subsídios para o aluno delinear, ao longo dos semestres letivos, o tema do seu trabalho de conclusão de curso.

Em conformidade com as novas diretrizes curriculares, no curso de Educação Física da UNIRG desenvolvem-se, efetivamente, ensino, pesquisa e extensão de uma forma integrada com as outras licenciaturas já oferecidas na instituição, o que

significa enriquecimento de experiências e adicional de qualidade na formação dos profissionais de todos os cursos envolvidos.

Com o objetivo de consolidar a prática pedagógica, pautada na perspectiva da cultura de movimento, e visando fortalecer a unidade teoria-prática por meio de atividades planejadas e sistematizadas de pesquisa, extensão, estágios, movimentos e projetos de ação, implementado dentro da dinâmica curricular, algumas disciplinas estão promovendo ações diretas com a comunidade.

O curso conta hoje com 4 (quatro) Projetos de Pesquisa e Extensão, que são: *Caminhar Saudável, Paidéia: para além da iniciação esportiva; Avaliação da marcha do idoso (FINEP) – Análise comparativa de medidas antropométricas de jogadores de Gurupi com jogadores de alto nível nacional (Programa de iniciação científica) e o Centro de Vida Saudável (CVS).*

Espera-se que um número maior de ações venha fazer esta aproximação, na medida em que o curso vai se estruturando, tanto no aspecto físico-estrutural quanto no trato de conhecimentos contidos nas ementas das disciplinas, elencadas na estrutura curricular.

Durante o XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, realizado entre 21 e 26 de outubro de 2001, em Caxambu – MG, a Coordenação dos Cursos de Educação Física da UNIRG apresentou, em Reunião Institucional do referido evento, o interesse pela instalação da Secretaria Estadual do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) no Tocantins, a ser sediado em Gurupi. Tal proposta foi aceita, desde aquele momento até os dias atuais, tem-se construído uma boa relação com Colégio de Ciências do Esporte, se justificando pela secretaria instalada na cidade de Gurupi e os respectivos secretários são alguns docentes da Instituição, que prezam por uma aproximação com a maior instituição científica que representa a produção de conhecimentos no campo da Educação Física no Brasil.

Essas ações visam consolidar a filosofia humanista contida no projeto de criação do Curso. A pesquisa, ainda em fase de implementação, visa possibilitar o acesso ao conjunto de conhecimentos produzidos, seus modos de produção, bem como instâncias de reflexão sobre a realidade. A extensão é considerada uma possibilidade de interlocução e troca com as comunidades universitárias e extra-universitárias, nas perspectivas de intervenção e investigação da realidade social.

Portanto, o curso tem como missão interagir na área do conhecimento que contribui para a formação de profissionais habilitados a intervir no movimento humano, no sentido de “cultivar” o corpo em sua totalidade (atuando nas esferas: instrumental, social, comunicativa e afetiva). Tem como principal finalidade despertar a necessidade de se refletir sobre o bem estar, saúde e qualidade de vida na perspectiva comunitária, contribuindo para a formação de uma comunidade pensante, que seja capaz de transformar sensibilidade e expressividade corpórea em processo educativo, tornando-se um referencial regional.

A Educação Física na UNIRG tem por vocação incentivar uma formação generalista e humanista, sistematizando e produzindo o conhecimento, levando o egresso a uma consciência crítica e autônoma fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética.

CAPÍTULO 2

JOVENS ACADÊMICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIRG

O propósito deste capítulo é identificar quem são os jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG. Interessa saber os elementos que os caracterizam enquanto jovens e alunos (condição sócio-econômica da família, grau de escolaridade dos pais, os tipos de escolas freqüentadas, relação entre estudo e trabalho, etc.) e o sentidos atribuídos à família, à escola, ao trabalho, à religião e ao modo de ser jovem.

2.1 A TEMÁTICA DAS JUVENTUDES

A juventude é um fenômeno da modernidade, compreendido como uma fase de transformações biológicas, psicológicas, intelectuais e de inserção no universo social e político. É tradicionalmente compreendida como um período crítico de transição do desenvolvimento humano, fazendo-se acompanhar, sobretudo na sociedade contemporânea, de grandes dificuldades de adaptação e integração CANEZIN (2002).

Tomando a sociedade brasileira como referência, é possível constatar diferentes modelos culturais e concepções do que significa *ser Jovem*. Na expressão de Abramo (2005), a noção de juventude nasceu associada a certos atributos de filhos da burguesia, como: ficar livre das obrigações do trabalho e dedicar aos estudos. As pesquisas recentes no Brasil, que tomam os jovens como objeto, foram redimensionadas a partir dos meados da década de 1990 e, nesse sentido, aprofundaram-se os estudos acerca da condição juvenil na sociedade, seus dilemas, anseios, condições de vida e os espaços de socialização ocupados pelos jovens.

Os jovens são tratados de forma diferenciada em cada sociedade e em cada momento histórico. Na sociedade brasileira, pelo menos até a década de 1960, a visão que se tinha de juventude era a de jovens escolarizados da classe média que acreditavam na transformação do sistema cultural e político, através de movimentos estudantis, da contracultura e do engajamento em partidos políticos da esquerda.

Nesse período, uma geração de jovens, em especial de camadas médias, entra em cena questionando a ordem social nos planos político, cultural e moral, assumindo uma atitude de crítica à ordem estabelecida e desenvolvendo ações concretas em busca de mudanças. Essas ações manifestaram-se coletivamente em movimentos estudantis e em proposições de contracultura, como por exemplo, o movimento hippie.

Já nos anos de 1970, como indicam os estudos de Abramo (2005), as preocupações voltaram-se para as dificuldades que os jovens encontravam ao entrar no mercado de trabalho e ao inserirem na vida ativa, nesse cenário o tema quase foi transformado em categoria econômica. A autora destaca ainda o momento em que a sociedade brasileira, na primeira década dos anos de 1980, focaliza a atenção para as gangues de jovens urbanos, por causa do grande aumento de violência juvenil que se verificou no país, tanto na condição de vítima quanto de promotor. Também, nesse período, em oposição à representação dos jovens como difusores das mudanças e transformações sociais, surge a visão da juventude com uma série de adjetivos: individualista, consumista, conservadora e indiferente aos assuntos públicos, apática.

Nos anos 1990, os estudos sobre a juventude são retomados e as concepções e estereótipos associados aos jovens começaram a ser questionados. Nesse momento, as interpretações foram revistas por estudos como os de Abramo (1997), Spósito (1997), Carrano (2000), Peralva (1997) que procuravam investigar quem eram os jovens, dissociando-os dos estigmas produzidos pela sociedade.

Nos últimos dez anos, no cenário nacional, pesquisas sobre a temática juventude conquistaram maior espaço no meio acadêmico, nos noticiários, nas agendas governamentais. Isso em virtude do relativo aumento populacional deste segmento social e, também, do agravamento das suas condições de inserção no mundo do trabalho, considerando que existe mais de 34 milhões de jovens brasileiros entre 15 e 24 anos, quantidade significativa que merece ser estudada por diversos segmentos.

Compreender os diferentes segmentos de jovens no mundo contemporâneo não é tarefa fácil, pois o fenômeno insere-se em um contexto de muitas mudanças, principalmente no âmbito da tecnologia e globalização da economia. Essas transformações que ocorreram nas sociedades contemporâneas refletiram-se nas principais instituições sociais como a família, a escola, a religião, expressando para

autores como Abad (2003), um processo de instabilidade e enfraquecimento dessas instituições e essas mudanças alteraram o modelo cultural que configurava a juventude.

Para Abad (2003), uma consequência disso é a nova condição juvenil que se constrói sobre o pano de fundo da crise das instituições tradicionalmente consagradas à transmissão de uma cultura adulta hegemônica, cujo prestígio tem-se debilitado pelo não cumprimento de suas promessas e pela perda de sua eficácia simbólica como ordenadora da sociedade. E é nessa desinstitucionalização da condição juvenil que têm surgido as possibilidades de viver a etapa da juventude de uma forma distinta da que foi experimentada por gerações anteriores, com mais autonomia, com a ausência de grandes responsabilidades de terceiros, por uma rápida maturidade mental e física, ainda que não estejam ainda bem sucedidos financeiramente.

E nesse contexto, os jovens constituem campos simbólicos diferentes e não podem ser observados, por um olhar fragmentado, como por exemplo, o recorte etário, *“a condição juvenil é recoberta por uma pluralidade de situações e os jovens, como agentes, vivem essa fase da vida percorrendo trajetórias coletivas e individuais também diferentes”* (CANEZIN et al.2007, p.141).

2.2 JOVENS ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Na década de 1990, com a expansão do ensino superior, pôde-se perceber a evidência de algumas áreas de formação profissional, e neste cenário a Educação Física foi denominada como uma profissão do futuro, coincidindo com a expansão das academias e o mercado do *Fitness*.

As mudanças da sociedade moderna e a ênfase na necessidade de cuidados com o corpo e a qualidade de vida contribuíram para a redefinição da profissão. O campo da Educação Física, em termos profissionais, diversificou, inclusive ampliando os espaços de atuações profissionais. Esses fatores contribuíram consideravelmente para que os jovens começassem a se interessar mais pela Educação Física como opção de formação em nível de graduação.

Com as transformações em curso na sociedade contemporânea, o sistema

produtivo passa a exigir cada vez mais qualificação e, conseqüentemente, faz com que a procura pela educação formal aumente e, nessas circunstâncias, o acesso aos vários níveis do sistema educacional depende da origem sócio-econômica dos estudantes, o que coloca em pauta as condições econômicas e culturais das famílias (PAUL, 1989, SCHWARTZMAN, 1992 apud ROMANELLI, 2000, p.101).

Em face desse contexto, busca-se apreender os modos de pensar e agir dos jovens, suas trajetórias escolares, sua vivência da condição juvenil, as razões que os levaram a buscar formação no campo da Educação Física e o projeto de profissional por eles visualizado. Considerando a importância que questões sobre corpo, movimento, estética e saúde ocupam na área, no cenário atual, justifica-se o fato de constituir um dos temas mais relevantes para a reflexão e atuação do profissional em Educação Física.

Tomando como universo de análise os jovens do curso de Educação Física da UNIRG, pode-se afirmar que este corpo discente é composto por uma clientela juvenil com algumas características peculiares, tais como: o curso ser oferecido em um estado que legalmente se constituiu recentemente, com apenas 19 anos de emancipação, a faculdade estar localizada em uma cidade interiorana, e atender a um público oriundo das cidades vizinhas, ou até mesmo estados vizinhos. Assim se caracterizam os acadêmicos que responderam o questionário quanto à sua procedência: 66% são do estado do Tocantins, e desses apenas 30% nasceram em Gurupi. 98% dos acadêmicos moram na cidade, entretanto 50% deles estão morando em Gurupi, hoje, em razão de estarem estudando, ou seja, o motivo que os levou à cidade foi a necessidade de um curso de graduação.

Examinando-se os dados referentes aos genitores dos estudantes, nota-se que a maioria dos acadêmicos deste curso são estudantes filhos de trabalhadores rurais, vigilantes, comerciantes, camelôs, pedreiros e apenas 30% do universo pesquisado são filhos de advogados, professores e proprietários rurais. Dos pais, 3,5% têm curso superior, 32% concluíram o ensino médio e os demais frequentaram o ensino médio sem concluí-lo. Entre as mães, 17% têm curso superior, 36% concluíram o ensino médio, e as outras frequentaram o ensino médio, mas não terminaram.

Considerando esses dados, destaca-se a importância e influência da família na trajetória escolar dos filhos, principalmente em proporcionar condições para que eles possam prolongar a escolaridade. Neste sentido, as famílias usam o que

Bourdieu define como estratégia, que no sentido prático pode ser entendido como a capacidade de o agente participar do jogo dos diferentes campos sociais, em busca da apropriação ou da manutenção de diferentes espécies de capital.

Conforme explica Singly apud Romanelli (2000), não é apenas o capital econômico o patrimônio mais importante transmitido pela família, mas também o capital cultural mediado pela escola, o que justifica o investimento das famílias na escolarização dos filhos. Certamente o valor atribuído a esse tipo de capital se relaciona à crença na possibilidade dele realizar a qualificação do trabalhador para o ingresso de forma mais produtiva no mercado de trabalho. Há a expectativa de melhoria nas condições e na qualidade de vida desses jovens. Conforme os dados do questionário, a média de renda familiar de 50% desses jovens são de R\$1.000 a R\$1400 reais, apenas 10% têm uma renda superior a R\$3000 reais e uma parcela de 25% declarou ter renda⁷ de R\$400 reais, o que representa um capital econômico não muito significativo.

Em relação à entrada e atuação no mercado de trabalho, esses jovens começaram a trabalhar muito cedo, 85% começaram antes dos 18 anos, 12% após, e apenas 3% dizem nunca ter trabalhado. Um aspecto que se destaca neste indicador é que, dentre os que trabalham, a maioria desempenha atividades relacionadas à área, como professores de musculação, educação física escolar, estagiários da faculdade, recreadores. Apenas 15% atuam em outras funções, como: vigilante, eletricista, vendedor. Constata-se, também, que a média salarial apresentada é muito baixa, considerando que eles têm que pagar mensalidades da faculdade. De acordo com as respostas do questionário, 30% ganham até R\$ 200,00, 50% ganham entre R\$ 200,00 a 400,00, 15% de R\$ 600,00 a 1.000,00 e apenas 5% têm uma renda acima de R\$1.000,00.

Os jovens participantes desta pesquisa, todos ainda são dependentes dos pais, 96,5% da amostra dizem ser solteiros, 3,5% afirmaram ter filhos, porém estes ficam sob a responsabilidade das avós. Embora exista a relação de dependência financeira direta da família, apenas 40% desses jovens moram com os pais, e 60% moram em repúblicas ou com amigos de familiares. Esse dado confirma uma tendência bastante explorada nos estudos recentes sobre a transição para a vida adulta e apresentada por Abramo (2005), que é o prolongamento da relação de

⁷ Todos os valores apresentados na pesquisa tem como referência o salário mínimo vigente no valor de R\$ 380,00

dependência à estrutura dos pais, mesmo não estando morando com eles. Uma das razões desse prolongamento, segundo Sposito e Carrano (2003), se relaciona às dificuldades financeiras para montar nova unidade doméstica. Aliás, talvez, seja esta a razão pela qual o desejo de adquirir independência cresce, conforme aumentam a escolaridade e a renda.

Em se tratando da trajetória escolar desses jovens, pôde-se verificar o predomínio desse percurso em escola pública. Confirmando esse dado, de acordo com estudo realizado por Lassance (2005), sobre o panorama regional do jovem brasileiro, o autor argumenta que o que mais destoa na região norte em relação ao resto do Brasil é a presença incipiente do ensino privado. Apenas 1,65% dos jovens nortistas freqüentam o ensino médio privado. Assim sendo, o sistema estadual de ensino - ensino fundamental e médio - responde por 91% das matrículas desta faixa etária. Neste sentido, ratifica-se tal estudo com a trajetória escolar dos jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG, sendo constatado que 96,5% deles estudaram em escola pública até finalizarem o ensino médio.

Quando são questionados sobre os motivos que os levaram a escolher a UNIRG, uma instituição pertencente a uma Fundação Municipal, as respostas que mais aparecem estão relacionadas ao custo financeiro, com 35%; à proximidade do local de trabalho ou moradia, com 32%; e à possibilidade de conciliar trabalho e estudo, com 17%. Em relação aos motivos para a escolha do curso de Educação Física, fica evidenciado como principais a identificação com a área, o gosto pelo esporte e pela Educação Física. Além disso, os jovens acadêmicos mencionaram as possibilidades de trabalho, e com baixa porcentagem aparecem alguns motivos como, o gosto por ensinar, ter uma formação pedagógica e obter conhecimentos.

Em relação às dificuldades enfrentadas na realização do curso, os indicadores que mais aparecem são o valor das mensalidades e a necessidade de ter que conciliar trabalho e estudo. Nota-se que os motivos apresentados têm relação de proximidade, muitos dos jovens acadêmicos precisam trabalhar para ajudar a custear as despesas da faculdade, porém uma pequena parcela diz não ter nenhuma dificuldade, ou apresentam motivos de dificuldade como distância da família ou ter que morar fora.

Mesmo com toda a dificuldade enfrentada, 93% afirmam ter feito a escolha certa e acreditam que o curso irá prepará-los para serem os profissionais que eles pretendem, e quando o assunto é esse, 50% têm a pretensão de serem professores,

e desses 10% querem ser docentes universitários, 30% pretendem ser profissionais competentes e capacitados para atuar na área, e 20% vão investir na carreira de *personal trainer*.

Percebe-se que a amplitude de atuação profissional da área reflete nas perspectivas dos jovens acadêmicos que demonstram interesses profissionais diversos, abrangendo todas as áreas, desde educação com o desejo de ser professor em escolas de ensino fundamental e médio ou docente do ensino superior, até professores de academias, que atualmente estão valorizando a carreira de *personal trainer*.

2.3 JOVENS ACADÊMICOS E O DESENHO FAMILIAR

Nesse tópico destaca-se o desenho da estrutura familiar na qual os jovens estão inseridos. A família, enquanto instituição socializadora, tem papel importante na trajetória escolar dos jovens, pois pode ter a capacidade de mobilizá-los em termos de investimento ou não na formação escolar, sobretudo, para ingresso no ensino superior.

Jovem/acadêmico 1

O Jovem/acadêmico (1) é negro, estava com 20 anos no momento da entrevista, é o terceiro de uma família de nove filhos. O pai ainda mais tem seis filhos do primeiro casamento, que também foram criados pela mãe do Jovem/acadêmico (1). Seus pais vieram do estado do Piauí há 24 anos e, desde então, moram em Gurupi, onde constituíram sua família, e lutam até hoje para criarem seus filhos, com uma renda familiar de mais ou menos R\$1400 reais. O pai é pedreiro, analfabeto. Atualmente, seu pai trabalha como pedreiro contratado por uma firma, com carteira assinada. Sua mãe, que completou o ensino fundamental há cinco anos, concluiu também o técnico em enfermagem, mas não atua na área, trabalha em uma repartição pública como auxiliar de serviços gerais, há 20 anos, além de ser responsável pelas tarefas domésticas.

O Jovem/acadêmico (1) foi o primeiro dos irmãos a ingressar no ensino

superior, mas hoje duas de suas irmãs também estão em um curso de graduação. A mais velha, de 19 anos, faz Administração e a outra, de 18 anos, está cursando Ciências Contábeis, todos na mesma instituição.

A residência é de propriedade da família, é simples e se localiza em um setor próximo à faculdade, que fica ao lado da BR 153. No mesmo lote foram construídas outras casas, pois a família é grande e apenas o filho mais velho é casado e não mora com os pais.

Jovem/acadêmica 2

A Jovem/acadêmica (2) tem 22 anos e pertence a uma família pequena, composta pelo pai, a mãe e um irmão. A família, que há cinco anos mora em Gurupi, veio de Minaçu, cidade do interior de Goiás. Durante muito tempo morou em uma fazenda, e quando ela tinha 13 anos de idade, mudou-se para a cidade. *“(...) desde novinha a gente já teve muita dificuldade, não morava em cidade, morava em fazenda e sabe que é difícil pra estudar, tinha uma grande dificuldade para ir até a escola às vezes não tinha aula”.*

Ao se mudarem para a cidade de Minaçu, o pai começou a trabalhar em uma usina hidrelétrica. Após quatro anos, a obra da usina terminou e, então, o pai foi transferido para outra obra da mesma empresa, localizada próximo a Gurupi, por esse motivo a família se mudou para esta cidade.

Com o dinheiro do acerto do emprego, o pai comprou uma casa para a família morar em Gurupi. A casa, hoje reformada, é modesta, mas muito confortável. A casa de Minaçu, que também é da propriedade da família, hoje é alugada por um salário mínimo e o dinheiro recebido complementa a renda familiar que é de mais ou menos R\$1000 reais mensais.

O pai, que não chegou a completar o ensino fundamental, trabalha como auxiliar de laboratório na usina, a mãe com o mesmo grau de escolaridade que o esposo, trabalha em uma panificadora, como padeira, o irmão não trabalha, tem o tempo disponível para finalizar o ensino médio em uma escola pública estadual.

Jovem/acadêmica 3

A Jovem/acadêmica (3) nasceu em Dianópolis, cidade onde viveu até os 20 anos. Quando foi aprovada no vestibular, no início do ano de 2004, mudou-se para Gurupi, e ficou morando em república com colegas da faculdade até o final do ano de 2005. A partir de então, seus familiares - pai, mãe e dois irmãos - decidiram mudar para Gurupi também, com o intuito de acompanhar de perto e oferecer conforto familiar para a filha, e se mantiveram na cidade até o final do ano de 2007. Atualmente, faltando apenas um semestre para se formar, a entrevistada está morando sozinha.

O pai, que chegou a concluir o ensino médio é dono de uma oficina de lanternagem e pintura de carros, (quando morou em Gurupi trouxe a oficina também), a mãe concluiu o magistério em 2003, trabalhou um semestre como professora de educação infantil e não gostou do ofício, então resolveu apenas cuidar da casa. O irmão mais novo da Jovem/acadêmica (3), de 23 anos, trabalha com o pai e pretende terminar o ensino médio. O irmão caçula, de 19 anos, trabalha em um supermercado e não demonstra muita vontade de estudar, parou no segundo ano do ensino médio. A família vive hoje com uma renda de 1400 reais por mês.

Jovem/acadêmico 4

O Jovem/acadêmico (4) é o segundo dentre os três irmãos, sua família é de Araguaçu e todos estão morando nesta cidade do interior do Estado do Tocantins, que fica a 300 quilômetros de Gurupi, com exceção do entrevistado, que mora em Gurupi, dividindo uma *kitnet* com um colega de faculdade.

O pai possui ensino médio completo, trabalha como gerente administrativo de um frigorífico. A mãe, que só estudou até o ensino fundamental, trabalha no mesmo lugar, de encarregada de alimentação. Os pais, que são responsáveis pelas despesas da faculdade, vivem com uma renda de R\$ 2000 reais mensais, apesar de o entrevistado receber uma bolsa de iniciação científica, de R\$ 180 reais de um projeto do FINEP, dinheiro que fica para os gastos pessoais.

A irmã mais velha engravidou com 17 anos e por esse motivo se casou, acabou se dedicando à família, não priorizando os estudos e até hoje, com 27 anos, ainda não terminou o ensino médio. Já o irmão de 20 anos não gosta mesmo de estudar e tem o ensino fundamental incompleto.

Os meus pais, como todos os pais da minha faixa etária (eu acho) não tiveram muita oportunidade de estudar (...) e eles fizeram uma promessa pra eles mesmo que todos os filhos deles iriam se formar. Infelizmente essas promessas às vezes não se cumprem, eu tenho 02 irmãos, a minha irmã é muito inteligente mas (...) teve uma gravidez precoce e não teve como seguir o estudo e o meu irmão mais novo infelizmente não gosta de estudo, ele gosta de trabalho braçal (JOVEM/ALUNO 4) .

O Jovem/aluno (4), com 22 anos, está cursando o sétimo período e seus pais anseiam pela formatura no ensino superior do primeiro dos filhos. O entrevistado diz ser este um motivo de muito orgulho para seus pais.

Jovem/acadêmica 5

A Jovem/acadêmica (5) tem 20 anos e foi criada em uma vila rural, lugar onde seus pais moram até hoje no município de Engenheiro Beltrão, no estado do Paraná. Ela está morando em Gurupi para estudar e relata que, assim que se formar pretende voltar para perto da família. Sua irmã, dois anos mais velha, mora em Balsas, cidade localizada no estado do Maranhão, está terminando o curso superior de Biologia.

O pai trabalha em uma fazenda como gerente de campo e estudou somente até o ensino fundamental. A mãe se formou em normal superior, trabalhou durante um período na escola da vila onde mora, mas não era satisfeita com o salário, que dizia ser muito baixo, então abandonou a escola e hoje ela ministra aulas particulares para crianças. A família se mantém com uma renda salarial mensal de R\$3000 reais.

A Jovem/acadêmica mora sozinha em uma *kitnet* próxima à faculdade, e está trabalhando como professora em uma academia, tem um salário de mais ou menos R\$ 400 reais por mês. Apesar de ter essa renda mensal, são seus pais que pagam as despesas básicas como faculdade, aluguel e alguma ajuda de custo.

Jovem/acadêmica 6

A Jovem/acadêmica (6), com 23 anos de idade, é a filha mais nova de uma

família de três filhas, nasceu e mora em Formoso do Araguaia, estado do Tocantins, cidade próxima, a 80 quilômetros de Gurupi. A entrevistada, que ainda mora com os pais, vai para a faculdade de transporte escolar, cedido pela prefeitura da cidade.

O pai é funcionário público da prefeitura de Formoso do Araguaia e ocupa o cargo de assistente de agrimensor, estudou até o ensino fundamental incompleto. A mãe, que completou o ensino médio, trabalha como assistente social da prefeitura. Seus pais têm uma renda de R\$ 2000 reais mensais.

A irmã mais velha, com vinte e seis anos é casada, formada em letras e trabalha como professora na rede municipal de Formoso do Araguaia. A outra irmã, com 25 anos, é advogada e recentemente foi aprovada em um concurso público para assistente de promotor na capital do estado, Palmas. A Jovem/acadêmica (6) trabalha na rede privada de educação, na cidade de Formoso do Araguaia, como professora de educação infantil, recebe um salário de R\$ 400 reais por mês, dinheiro que fica para despesas extras, pois sua mãe é quem paga a mensalidade da faculdade.

2.3.1 Jovens acadêmicos e os sentidos atribuídos à Família

Os jovens desta pesquisa guardam entre suas histórias familiares características semelhantes. Os dados obtidos permitem inferir que essas famílias podem ser classificadas como pertencentes às camadas populares. Os entrevistados, em geral, são jovens oriundos de famílias com dificuldade financeira, os pais têm baixo nível de escolaridade e exercem ocupações manuais ou de pouco prestígio social, são mal remunerados. Bosc apud Viana (2007, p.25) aponta traços identificatórios dessas camadas quando afirma:

No início do século XX, as classes populares urbanas apresentam as seguintes características que as aproximam: um trabalho predominantemente manual, a dependência e a precariedade econômicas, os fluxos internos de mobilidade, a coabitação espacial, a exclusão de lazeres mundanos e da cultura erudita.

Cabe ressaltar que as dificuldades e limitações de ordem econômica das famílias não os impede de realizar todo um esforço para proporcionar oportunidades para seus filhos estudarem. Algumas dessas famílias vivem com muita dificuldade

econômica, que certamente afeta suas relações internas de convivência no espaço doméstico. São famílias que vivem uma realidade material não muito favorável. Apenas conseguem ir fazendo adaptações possíveis para que o filho prossiga na sua trajetória escolar.

O jovem/acadêmico (1) acredita que o apoio da família é fator crucial em seu processo de formação, e ele demonstra enfaticamente a sua condição de classe e o investimento familiar na sua educação como forma de constituir sua existência, quando relata:

Eu acho que a família não tem como falar (...) não sei nem como descrever, porque é uma fonte de conselhos de amizade. Todas as relações que a gente tem em qualquer outro lugar, nas famílias é o principio de todas elas então a família pra mim é uma gênese, da educação, de tudo enfim (JOVEM/ACADÊMICO 1).

A jovem/acadêmica (2) é muito reconhecida pelos pais, devido ao fato de estar na faculdade, pois em toda a família, incluindo os tios e primos, ela é a primeira que investe para conquistar esse mérito de um diploma de ensino superior.

Meu pai, principalmente, o sonho dele é me ver formada, vou ser a única da família também, que vai ter o curso superior ele me ver como uma vitória pra ele, porque as coisas que ele passou pra fazer com que eu estudasse, foi muito difícil (...) pra ele hoje eu sou como se fosse um troféu.

Essa jovem/acadêmica (2) expressa o sonho familiar de ter um de seus membros no ensino superior. Ela é o caso típico daqueles que, na busca da classificação, o fato de fazer um curso superior é significativo, pois produz distinção social.

Pode-se inferir que a família investe na escolarização de seus filhos como perspectiva de produzir ascensão e alterar as condições sociais de existência. Apesar de os pais não terem tido a oportunidade de estudar, incentivam seus filhos a construir uma história diferente da sua e, embora tenham muitas dificuldades financeiras investem na escolarização como uma forma de afirmação profissional.

O apoio da família é muito importante para um bom desempenho escolar dos filhos. Bourdieu apud Romanelli (2000) esclarece que a economia doméstica é regida pela lógica travestida de amor, já que a troca entre as gerações é transfigurada pela piedade filial, pelo amor, assim como por empréstimos monetários que os pais concedem aos filhos, sem aparentemente esperar retribuição.

O sentido que a jovem/acadêmica (3) atribui à família pode ser aprendido em sua fala, quando afirma:

(...) meus pais não têm informação, não têm estudo, mas eles sabem da importância daquilo, então todos os momentos da vida deles, eles voltaram mais pra isso, de me oferecer essa formação, então acho que eles são (...) como é que vou dizer, fonte da minha vida.

Estudiosos como Abad (2003) consideram que, na sociedade contemporânea, as instituições como família e escola estão perdendo legitimidade e prestígio, entretanto esses jovens referem-se à família como a base de seu desenvolvimento pessoal.

Minha família é meu esteio, tudo pra mim se não fosse por ela eu não , estaria aqui hoje. (jovem/acadêmico 4).

A minha família eu acho que é a coisa mais importante pra mim porque assim lá na minha casa agente aprende muita coisa (...) valores relacionados à educação, como ter uma postura como se comportar eu posso dizer que as coisas que eu aprendi os valores tipo morais se deve a minha família (Jovem/acadêmico 6).

Os jovens entrevistados e as suas famílias acreditam que através do investimento e acumulação de capital cultural escolar poderão ocupar lugares melhores que os de origem, fugindo assim da lógica de reprodução.

Meu pai é analfabeto, é pedreiro e minha mãe quando criança ela estudava, fazia o ensino fundamental ainda e meu pai sempre falava que, pra eu estudar pra eu não trabalhar como ele trabalhava, braçal. E minha mãe sempre a mesma coisa, meu filho vamo estudar pra ser alguma pessoa melhor, então seguindo o exemplo dela eu comecei a me dedicar mais e graças ao esforço dela eu to... Iniciei na faculdade e to concluindo (Jovem/acadêmico 1)

A problemática da reprodução social e da transmissão cultural, de acordo com estudiosos como Romanelli, Zago, Viana colocam em pauta não apenas a família, mas a instituição escolar, outra agência fundamental nesse processo. Porém, é necessário estabelecer a especificidade de cada uma dessas instituições. Como afirma Bourdieu apud Romanelli (2000), o capital econômico e o social podem se reproduzir pela família. Mas a escola, além de ser importante agência socializadora do capital escolar, contém saber genérico e também específico, e que em princípio, pode capacitar seu portador para o mercado de trabalho, também produz relações significativas em termos de capital social.

Embora a escola não seja transmissora de capital social, ela constitui local importante para os alunos construírem uma rede de relações que pode ser extremamente importante na vida profissional, complementando o capital social da família (ROMANELLI, 2000, P.106).

A partir desses dados pode-se confirmar a importância que os jovens atribuem às relações familiares para o seu desenvolvimento pessoal, ao mesmo tempo em que, para os pais, o investimento que fazem na trajetória escolar dos filhos representa a possibilidade de fugirem da lógica da reprodução, ou seja, é uma perspectiva de produzir ascensão e alterar as condições sociais de existência, vislumbrando que os filhos possam ocupar um lugar melhor que o de origem.

2.3.2 Jovens acadêmicos e os sentidos atribuídos à educação escolar

Segundo os pressupostos de Bourdieu, a escola tem importância no aprendizado dos códigos de comunicação entre os agentes sociais. A comunicação pedagógica, assim como qualquer comunicação cultural, exige para sua plena realização e aproveitamento que os receptores dominem o código utilizado na produção dessa comunicação. Este fato pode ser compreendido pelas condições sócio-culturais dos entrevistados, pertencentes às camadas populares, que dificilmente irão desenvolver esses códigos no meio familiar, e a incorporação destes tem maiores oportunidades de ocorrer no universo escolar. As trajetórias escolares dos jovens acadêmicos sinalizaram o sentido da escola e sua função na constituição de suas vidas.

O jovem/acadêmico (1) teve toda a sua vida escolar em Gurupi, onde cursou o ensino básico em escola pública estadual. Durante o ensino fundamental, foi convidado para estudar em uma escola conveniada, devido as suas habilidades esportivas no futebol. Integrou a equipe na quinta e sexta séries para disputar campeonatos estudantis. A partir da sétima série, retornou para a rede pública estadual, onde permaneceu até a conclusão do ensino médio. Afirmou ele:

Durante a maioria do tempo, estudei em escola pública. E, depois de um tempo eu ganhei bolsa em escola conveniada pra jogar pra equipe da escola, mas quando acabaram os campeonatos, eu voltei pra escola pública (JOVEM/ACADÊMICO 1).

Pelo fato de o jovem/acadêmico (1) ter estudado em escola pública e pública conveniada, afirma que obteve melhor aproveitamento em relação à aprendizagem na segunda, pois havia cobranças de notas como requisito para permanecer como aluno atleta. Sob a ótica do jovem acadêmico 1:

(...) na escola conveniada é... Apesar de ser aluno atleta não tinha trato diferente, pelo menos no meu caso, então se eu era atleta eu era obrigado a ter aquelas notas pra poder jogar, enquanto na escola não tinha esse apoio, então na escola conveniada eu aprendia mais.

A jovem/acadêmica (3) relatou que sua trajetória escolar foi em escola conveniada, e diz ter sido uma experiência interessante. Em relação ao ensino fundamental *julga ter sido tranquilo* e considera que o ensino médio foi *mais puxado, porém valeu a pena*, pois foi aprovada no primeiro vestibular que prestou. *No ensino médio (...) eu me dediquei mais aos estudos, prestava mais atenção em todas as disciplinas. No final, quando eu prestei o vestibular, já foi direto. (JOVEM/ACADÊMICA 2).*

O jovem/acadêmico (4) teve um percurso misto, durante um período estudou em escola particular e depois freqüentou escola pública. Ele acredita que teve uma formação de qualidade.

O ensino fundamental fiz todo no colégio particular, o ensino médio fiz em colégio público, porque onde eu morava não tinha ensino particular, mas foi um ensino de qualidade. (JOVEM/ALUNO 4).

Os demais entrevistados estudaram somente em escolas públicas, sendo que a jovem/acadêmica (2) fez o ensino fundamental em escola da zona rural, e, segundo ela os alunos dessas escolas são prejudicados, pois estão distantes de muitas coisas que podem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem. O ensino médio foi cursado em Gurupi, que ela considera uma cidade grande, se comparada com a realidade anterior.

Sempre estudei em escolas públicas, mas até o ensino fundamental nunca tinha chegado perto de uma piscina, mas assim era na fazenda o único contato que nos tínhamos era com os matos e bichos lá, depois que fui conhecer a cidade. Que mais marcou minha vida foi o ensino médio em Gurupi assim que eu cheguei aqui foi onde eu conheci tudo, porque na

verdade saí do interior (...) não tinha noção e não sabia de quase nada e conheci coisas diferentes (JOVEM/ACADÊMICA 2).

Em estudos sobre trajetórias escolares, Nogueira (2004) diz ser consenso que essa trajetória não é completamente determinada pelo pertencimento a uma classe social e, portanto, que ela se encontra associada também a outros fatores, como as dinâmicas internas das famílias e as características pessoais dos sujeitos, ambas apresentando certo grau de autonomia em relação ao meio social.

Em outro estudo sobre arbitrariedade cultural dominante, Nogueira (2007), defende que, ao tratar de modo igual quem é diferente, a escola privilegia, de maneira dissimulada, quem por sua bagagem familiar, já é privilegiado:

Uma vez reconhecida como legítima, ou seja, como portadora de um discurso universal (não arbitrário) e socialmente neutro, a escola, na perspectiva bourdieusiana, passa a exercer, livre de qualquer suspeita, suas funções de reprodução e legitimação das desigualdades sociais. Essas funções se realizariam, em primeiro lugar, paradoxalmente, por meio da equidade formal estabelecida pela escola entre todos os alunos. (NOGUEIRA, 2007, p.37 e 38).

Mesmo tendo estudado todo o período em escolas públicas, a jovem/acadêmica (6) avalia positivamente a experiência, apesar de considerar que poderia ter aprendido mais.

Eu diria que a gente só dá valor depois que perde, eu tenho muita saudade (...) eu diria que foi uma época muito boa na minha vida, mas que eu até descobri um pouco tarde, mais que valeu a pena (JOVEM/ACADÊMICA 6).

Com exceção do jovem/acadêmico (4), todos os entrevistados estudaram somente em escolas públicas ou públicas conveniadas, e assim que concluíram o ensino médio, já prestaram o vestibular para Educação Física e foram aprovados.

Considerando que essa faculdade cobra uma determinada mensalidade, esses jovens/ acadêmicos podem ser comparados a aqueles que fazem parte do que Romanelli (2000) chama de circuito vicioso, o estudante frequenta o ensino fundamental e médio em escolas públicas e ensino superior em instituição privada ou conveniada. E esse percurso está relacionado à situação social e econômica da família e influencia tanto no ingresso ao ensino superior, quanto ao futuro profissional.

2.3.3 Jovens acadêmicos e o sentido atribuído ao trabalho

Os jovens acadêmicos entrevistados convivem com muitos conflitos que não são meramente pessoais, mas próprios da sociedade nas mais diversas áreas. Incorporam enquanto individualidades preocupações, anseios, dilemas. A categoria trabalho é uma das principais preocupações da juventude, pois é através de um emprego que muitos podem conseguir condições mais dignas de vida e de futuro.

Dos seis jovens entrevistados, cinco estão trabalhando e apenas um não trabalha, porém vale ressaltar que este abandonou o emprego, no qual permaneceu por três anos, há apenas quatro meses, ou seja, trabalhou durante quase todo o período de faculdade.

O jovem acadêmico (1) trabalhou durante três anos como professor de futebol em um clube, há cinco meses trabalha com escolinha de iniciação esportiva, além de ser estagiário remunerado de um projeto de extensão da faculdade, que oferece o ensino de esportes educacionais para a comunidade local.

Eu trabalho há 1 ano e 5 meses no projeto PAIDÉIA, já trabalhei (...) 3 anos no UNICLUBE também, e felizmente eu trabalho na área, é um local de trabalho muito bom onde eu exerço o que eu aprendi no curso de graduação. (...) to trabalhando também na AFAGU, uma escolinha de iniciação esportiva, eu recebo 150 reais e no PAIDÉIA, o projeto da faculdade, eu recebo 180 reais, total dá 330 e o curso eu to pagado 315 reais.

Para este aluno, o trabalho é fator fundamental para a sua permanência no ensino superior, destacando que é com o montante salarial recebido dos dois empregos que ele paga a mensalidade da faculdade.

A jovem/acadêmica (2) trabalhou durante três anos como caixa de um supermercado, mas devido ao momento de finalização do curso com grande demanda de atividades, há três meses optou pelo abandono do emprego.

No momento eu não tô trabalhando, tava trabalhando e devido à faculdade eu saí. (...) mas assim tem alguns projetos que a gente faz (sem remuneração) que eu participo 02 ou 03 horas trabalhando na área de educação física (...)

A jovem/acadêmica (3), no segundo semestre de faculdade, conseguiu um emprego na lanchonete de um supermercado, ganhando um salário mínimo por mês durante dois anos. No início do sétimo período, estava muito difícil conciliar trabalho e faculdade, então resolveu abandonar o emprego e se dedicar ao estudo.

(...) trabalhei no percurso da faculdade, antes não. Só no percurso da faculdade que eu trabalhei por 2 anos. Pela necessidade, eu tive que trabalhar para ajudar mais a parte financeira, para pagar o curso, aqui na cidade ficaria mais por minha conta. Eu trabalhei no mercado, onde eu era balconista por 2 anos. Eu estou no estágio, pela prefeitura do município onde fico duas horas e meia na escola, e eu estou no caso, com as aulas, de educação física na escola.

A jovem/acadêmica (4) está trabalhando como professora de musculação e *jump* em uma academia, atua no período das quatorze às vinte horas e tem um salário de mais ou menos 400 reais por mês. Embora ela tenha essa renda mensal, demonstra não estar tranqüila em relação ao mercado de trabalho no futuro:

Ah, tenho medo do futuro né, de saber se vai dar certo se vou conseguir um bom emprego, se futuramente vou conseguir ajudar meus pais, e dar tranqüilidade melhor pra eles, pra gente mesmo ter uma vida digna, eu tenho esses medos (...) eu trabalho na academia ativa, tem um ano já, fez agora em fevereiro e pretendo continuar.

A jovem/acadêmica (6) trabalha na rede privada de educação na cidade de Formoso do Araguaia, como professora de educação infantil, recebe um salário de 400 reais por mês, dinheiro que fica para despesas extras, pois sua mãe é quem paga a mensalidade da faculdade.

Agora eu quero me formar e eu quero trabalhar na minha área o que eu quero é isso trabalhar na minha área me sustentar e assim por diante. Eu tenho medo de principalmente de decepcionar a minha mãe porque ela é a pessoa que mais me apóia então assim eu tenho medo tipo eu passei 04 anos na faculdade e tenho de não conseguir não conseguir é superar essa expectativa que ela colocou em mim (JOVEM/ACADÊMICA 6)

Pôde-se verificar que, para alguns dos jovens acadêmicos o trabalho representa a continuidade no ensino superior, ou seja, sem uma remuneração eles não conseguiriam se manter na faculdade. Para outros, o trabalho é uma de suas preocupações no sentido da incerteza de conseguir uma vaga no mercado, o que representa para eles uma frustração. Assim sendo, pode-se afirmar que a categoria trabalho está no rol das preocupações dos jovens que anseiam conseguir um

emprego para terem condições de uma vida digna.

2.3.4. Jovens acadêmicos e o sentido atribuído à religião

O Brasil foi historicamente considerado como o maior país católico do mundo. O catolicismo como religião oficial e dominante está presente na formação da cultura brasileira. Recentemente, o catolicismo vem perdendo a hegemonia com a expansão, sobretudo, da vertente evangélica. O que interessa, nesse tópico, é verificar os vínculos que os jovens produzem com a religião. (CANEZIN, 2007).

A temática da juventude tem sido estudada a partir de vários recortes de classe, gênero, políticas públicas, e nesse contexto, a religião tem sido consideravelmente destacada pelos jovens, pois, segundo a pesquisa “Perfil da Juventude brasileira”, a religião se destaca como um dos assuntos que os jovens gostariam de discutir não só com os pais, mas também com os amigos e com a sociedade (NOVAES, 2005).

Segundo a mesma autora, os jovens brasileiros nascidos no final da década de 1970 estão diante de um mundo em transformações, constituem “*uma geração pós-industrial, pós Guerra Fria e pós-descoberta da ecologia*” (NOVAES, 2005, p.264). Vivenciam as dificuldades do desemprego, da violência e da miséria. Além disso, situam-se em uma realidade que exacerba a difusão de informações. A cultura midiática veicula, de forma sistemática, ofertas de alternativas *espirituais*. São apresentadas aos jovens, atualmente, múltiplas escolhas sincréticas em um universo religioso, como pode ser notado pelo aumento do quantitativo de igrejas e de grupos religiosos. Muitos jovens adquirem mecanismos de defesa no espaço religioso para lidarem com as adversidades da vida e da sociedade.

Os jovens entrevistados desta pesquisa são predominantemente vinculados à religião católica. Eles são unânimes em dizer que são católicos, porém com níveis de envolvimento diferentes, as jovens /acadêmicas (2) e (4) acreditam muito em Deus e destacam que compartilham com a família a mesma religião.

Eu sou católica, desde pequena, sempre participei de primeira comunhão, crisma eu fiz tudo (...) eu vou à missa todos os domingos, é muito

importante, eu acredito demais em Deus e acho que é a força que move, (...) minha mãe, meu pai estão sempre ligados à igreja, à religião (JOVEM/ACADÊMICA 4).

Sou católica eu tenho muita fé, a religião pra mim é a base da minha vida é a minha fé, entrego nas mãos de Deus e lá em casa todo mundo tem muita fé (JOVEM/ACADÊMICA 2).

As jovens/acadêmicas (3) e (6) têm outro nível de envolvimento com a religião, pois além de serem católicas, desenvolveram trabalhos no interior da instituição social ou da Igreja.

Eu sou católica, antes da faculdade eu até dava aula de primeira comunhão para crianças, e agora que estou terminando pretendo me aproximar novamente da igreja, pois sinto muita falta, o convívio lá era muito bom (JOVEM/ACADÊMICA, 3).

Eu sou católica praticante e faço parte do grupo de apoio, eu canto na igreja e ajudo aos finais de semana nos encontros de jovens e adolescentes, mais adolescentes (JOVEM/ACADÊMICA, 6).

E para a jovem/acadêmica (6), o fato de estar desempenhando essas funções na igreja influencia no modo de ela viver a sua juventude, pois há a exigência de ordem moral em termos de uma postura tradicional, principalmente pelos costumes que prevalecem nas relações sociais de uma cidade interiorana de pequeno porte.

Assim, é porque eu moro na cidade, onde você tem que estar super preocupada com a sociedade, porque a cidade é pequena não dá pra fazer tudo o que vem na cabeça (...) porque senão acaba se tornando até falada, então, assim... muitas atitudes minhas são vigiadas, controladas, acho que também pelo fato de eu estar ali na igreja. Então, assim... tudo é muito controlado, entendeu?

O jovem/acadêmico (1), ao mesmo tempo em que se mostrou próximo à religião, manifestou certa desilusão em relação às igrejas, sendo até mesmo crítico em relação às posturas dessas instituições, e diz ser esse o motivo do seu afastamento, apesar de acreditar em Deus. Ele diz:

A religião, a princípio eu fui batizado por 10 anos na igreja é... Católica (...) depois batizei numa igreja evangélica e freqüentei por um bom tempo, nesse momento eu não tô freqüentando nenhuma igreja, porém a religião tem uma influência boa na vida das pessoas, seja no sentido de tá evangelizando, falando de Deus, do que é certo, do que é bom, mas minha percepção de religião hoje, de religião não, das igrejas, é de capitalismo, de comércio, e acho que é o principal motivo de ter me afastado.

Neste sentido, pode-se perceber que a maioria dos jovens acadêmicos

entrevistados tem um estreito vínculo com a religião, inclusive interferindo no modo de ser e de agir. Além disso, destaca-se que a influência da família é fundamental para a aquisição e manutenção desse sentido que atribuem à religião.

2.3.5. Modos de ser jovem

Neste item procurou-se abordar a perspectiva dos jovens/acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG, as formas de representar o modo de ser jovem. Tem como foco apreender quais concepções possuem acerca da juventude e o que pensam desta fase da vida.

Os jovens/acadêmicos (1) e (6) demonstraram uma concepção do que é ser jovem não associada à faixa etária. Apontaram o fato de ter planos para o futuro como uma característica importante da juventude e, ainda, compreenderam que ser jovem está relacionado com atributos como *energia, dinamicidade, perspectiva de futuro*, bem como identificaram-se com essas qualidades. Na visão dos entrevistados ficou assim definido o modo de ser jovem:

Eu acho que a juventude é uma característica de espírito, eu acho que ser jovem não tá nem um pouco ligado à questão de idade, mas sim (...) tá ligado ao que aquela pessoa tem de plano. E ainda, juventude significa muito pra mim alguma coisa com relação aos planos. Hoje, principalmente, o que eu vejo é uma juventude muito ligada a festas, enquanto não deve se restringir a apenas isso. Sim, eu acho que a gente tem que buscar outros conteúdos além das festas, outras formas de lazer pra tá se entornando, se entrosando (JOVEM/ACADÊMICO 1)

Ser jovem é antes de tudo ter pensamento de jovem (...) é ter uma visão de futuro, ter sonhos, objetivos, ter perspectivas, porque assim jovem não é só quem tem pouca idade mas (...) quem tem aquele ânimo, aquela garra, força de vontade de fazer as coisas (...) isso é jovem e eu me sinto assim (...) tenho muitos planos pro futuro, tenho muita vontade de fazer as coisas, acho que vivo de forma bem vivida, posso garantir. (JOVEM/ACADÊMICA 6).

Para Kehl (2005), as sociedades contemporâneas atribuem um significado à juventude como um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir, parece não ser interessante deixar de ser jovem, as pessoas querem se manter dentro deste padrão.

A valorização da juventude no mercado de signos é o que Abad (2003) denomina na sociedade contemporânea de fenômeno da juvenilização da cultura. Na expressão do referido autor

Atualmente ser jovem tornou-se prestigioso, pois, no mercado dos signos, aqueles que expressam juventude são altamente cotizados, e o intento de parecer jovem, recorrendo à incorporação dos signos que caracterizam o juvenil, dá lugar a uma modalidade do jovem independente da idade e que podemos chamar de *juvenilização da cultura*, ou seja, a aquisição e exibição do juvenil como diferença, colocado no lugar mais visível socialmente, isto é, no próprio corpo (ABAD, p.27).

Para os estudiosos da temática juventude é denominador comum afirmar que não há uma única juventude, mas juventudes, *“dado o amplo leque das condições materiais e simbólicas de agrupamentos e organização, classes sociais, diferenças étnicas e religiosas, gênero e peculiaridades regionais”* (CANEZIN, p. 2003). Além disso, afirmam que a juventude é uma categoria histórica e social, que varia conforme o tempo histórico e as formas da sociedade representar os jovens. Nos depoimentos abaixo os jovens expressam concepções diversas do modo de ser jovem ou de viver essa fase da vida.

Os jovens acadêmicos entrevistados, em geral, relacionam o modo de ser jovem ao fato de ser *uma fase da vida de aproveitar a vida*.

Ah... eu me sinto jovem, acho que ser jovem é viver, é ter capacidade pra fazer as coisas, ter vontade, acho que sou assim. (JOVEM/ACADÊMICA 5).

Ser jovem, eu acredito que é viver esse momento (...) de estudar de poder divertir, sair e ter amigos e principalmente. JOVEM/ACADÊMICA 3).

No que diz respeito à não identificação com os modelos culturais dominantes, constatou-se na fala de um jovem e uma jovem a presença da representação de que os jovens de sua geração são, em geral, irresponsáveis, *só pensam em curtir a vida*, e que se torna necessário aproveitar as oportunidades para crescer.

Principalmente, o que eu vejo é uma juventude muito ligada a festas enquanto não deve se restringir apenas a isso (JOVEM/ACADÊMICO 1).

Ser jovem hoje é aproveitar as oportunidades que eu tenho e tentar fazer delas lições e aprender (JOVEM/ACADÊMICA 2).

Apesar do lazer e do entretenimento ocuparem parte considerável do tempo livre dos jovens, principalmente nas atividades que desenvolvem nos finais de semana, os jovens/acadêmicos dispõem de pouco tempo livre para o lazer, considerando que trabalham, inclusive durante os finais de semana.

A jovem/acadêmica (2) afirmou que vive sua juventude intensamente e acha que a vida não é feita somente de coisa boas e, que diante das dificuldades aprende muitas coisas que servem como uma lição de vida. Quando se encontra com amigos de sua idade, que na maioria são os colegas da faculdade, ela gosta de curtir a vida e diz ter acesso a todos os lugares que manifesta vontade de freqüentar.

Eu gosto de curtir, aproveitar, me divertir, na verdade eu sou muito extrovertida. Pra mim, quando estou com meus amigos... é brincadeira... eu gosto de estar sempre com eles, baladas, eu gosto de estar indo pra festas. (JOVEM/ACADÊMICA 2)

As relações que os jovens estabelecem nos espaços das cidades, para Carrano (2003) são resultantes de um conjunto de acontecimentos que definem a relação dos efeitos sociais de cada sujeito sobre si mesmo e sobre os outros. Fatores como: sexo, faixa etária, classe social, ocupação, lugar de origem territorial, família, instrução, estigmas pessoais ou de envolvimento relacionais são de fundamental importância no processo de formação das amizades. A influência de cada um deles será maior ou menor, segundo cada configuração social específica e estrutura social em que o jovem vive.

Os espaços que esses jovens/acadêmicos mais freqüentam em busca de lazer são os barzinhos, boates e festas residenciais, uma vez que as opções que se têm, no contexto geral, são essas, e diante das possibilidades de acesso de cada um, eles vão estabelecendo suas relações sociais.

Os lugares que eu mais freqüente aqui na cidade (...) são festas em boates, barzinho com os amigos, sempre em final de semana, ou em festinhas caseiras. O lugar que eu não posso, não tem nenhum, eu vou a todos (JOVEM/ACADÊMICA 4).

Durante a noite, festas, barzinhos, boates e durante o dia trabalho, faculdade e academia. Eu gosto de fazer isso e o local que não temos acesso, na verdade, não temos muita opção de locais para o lazer, tem uns, mas devido ao tempo não conseguimos ir (JOVEM/ACADÊMICA 5).

Outro espaço da cidade a ser ocupado pelos jovens/acadêmicos como opção

de lazer são os clubes, porém diagnosticou-se que, apesar de ser lembrado como um lugar possível de diversões e convívios sociais, nenhum dos entrevistados é sócio dos clubes da cidade, e somente um deles tem acesso.

O que eu mais freqüento geralmente são os bares, primeiro por que não tem outra opção (...) na região nossa não tem assim, outras opções, tem clube, mas, são restritos a particulares (...) que é a AABB, por exemplo (JOVEM/ACADÊMICA3).

Felizmente eu trabalhava no Uniclube, então lá é um clube municipal onde tem piscina, quadra, um campo, então eu gosto disso, eu tenho acesso a ele por ter trabalhado lá há um tempo, então quanto a isso pra mim ficou muito bom (JOVEM/ACADÊMICO 1).

Pelo depoimento, percebeu-se que o jovem/acadêmico acabou aproveitando o fato de ter trabalhado no clube para ter acesso ao mesmo, e usufruindo com fins de lazer, levando em conta que não teria muitas outras opções.

A jovem/acadêmica (6) tem uma rede de sociabilidade diferente dos demais colegas entrevistados, levando em consideração que ela mora em outra cidade, além de optar por um estilo de vida mais familiar, apesar de demonstrar interesse de conhecer as festas mais “*badaladas*”, mas diz não poder ir.

Eu costumo freqüentar lá, aqueles espetinhos, eu gosto de comer uma pizza, assim... esses ambientes mais familiares, tem festas mais afastadas nos assentamentos que eu tenho vontade de ir, mas eu não posso, queria conhecer, dizem que é muito bom e animado, mas eu nunca fui (JOVEM/ACADÊMICA 6).

O relato da jovem/acadêmica (4) deixou explícito seu interesse por atividades físicas em academias de ginástica, considerando que o seu cotidiano profissional é marcado por esse universo social.

(...) eu gosto muito de malhar, de estar praticando atividade física, é uma coisa que me faz bem como pessoa, é bom para saúde (...) é que eu gosto muito de fazer, talvez pelo benefício, mas eu gosto muito, tenho assim prazer (JOVEM/ACADÊMICA 4).

Segundo Baptista (2001) a busca pela estética é um dos principais objetivos da prática de atividades físicas em todo Brasil. Os estudos de Pereira e Lovisolo apud Baptista (2001) demonstram que aproximadamente 70 a 80% dos sujeitos pesquisados apresentam esse objetivo como o principal em suas atividades. Apesar

dos dados apresentados demonstrarem que outros objetivos têm a sua importância, a busca pelo corpo belo tem o maior destaque. Pereira apud Baptista (2001) observa, na fala de seus informantes, que, muitas vezes, apesar do caráter estético ou de saúde da atividade física, há também uma busca pelo equilíbrio pessoal, na tentativa de obtenção de um estilo de vida mais harmonioso. Porém, independentemente das motivações, as ações podem ser caracterizadas como uma preocupação manter-se de acordo com os padrões determinados pela sociedade contemporânea.

Os jovens/acadêmicos demonstram clareza em relação aos obstáculos dado pelas suas condições econômicas que os impede de usufruir de uma série de bens materiais e simbólicos, de desenvolver seus planos e de realizar seus sonhos.

Se for levar em conta o fator econômico, a gente não consegue fazer muitas coisas por falta de dinheiro, mas a gente sempre tem criatividade para conseguir suprir essas situações. Mas tudo que eu pretendo fazer, eu faço, com certeza, sempre temos limitações por causa do fator econômico (JOVEM/ACADÊMICA 6).

Viajar e conhecer lugares diferentes aparece como desejos não realizados pelos jovens/acadêmicos (1) e (3).

Ah... O que eu queria fazer realmente era sair pra conhecer lugares diferentes e distantes até, oportunidades são muito difíceis, mas o que eu gostaria de fazer que eu não posso fazer é viajar muito, e isso infelizmente não dá, porque eu não tenho condição financeira (JOVEM/ACADÊMICO 1).

Viajar, gosto muito, amo, viajar para conhecer lugares diferentes e não posso pela questão (...) financeira que pesa muito. Nessa questão, até festa se tiver assim, final de semana, quero muito ir, mas a questão financeira nesse momento está pesando um pouco (JOVEM/ACADÊMICA 3).

Sobre a rede de sociabilidade, o jovem/acadêmico (1) afirmou ter convívio com os colegas da faculdade, mas as relações sociais mais fortes acontecem com os amigos de infância e vizinhos. Justificou-se dizendo que não consegue acompanhar seu colegas de faculdade, primeiro por que gostam demais de bebedeiras e, segundo, pela falta de dinheiro. Nesta direção, ele disse como vê os seus jovens colegas da faculdade:

Ah! Eles, eu vejo eles como colegas que querem o meu bem, e eles me dão

conselhos que geralmente não se adequam pra eles, eles me falam, mas não seguem aquilo, então eu fico de certa parte feliz por eles me desejarem o que não acontece com eles, e ao mesmo tempo eu me entristeço por eles me desejarem o bem, mas não terem aquilo pra eles. (JOVEM/ACADÊMICO 1)

Em relação ao quesito “quais as melhores coisas de ser jovem”, pôde-se verificar que os entrevistados compreendem a juventude a partir de aspectos positivos, ratificando o que mostra a pesquisa nacional sobre o perfil da juventude brasileira, publicada na obra *Retratos da Juventude Brasileira (2005)*, quando a liberdade aparece como uma característica presente. Para a jovem/acadêmica 2, o que ficou caracterizado em sua fala é que gostaria de ser independente, porém no momento não é possível, pois a condição financeira não permite.

Eu gostaria de ser independente, ter minhas próprias coisas, minha própria vida e levar ela do jeito que eu sempre quis levar, eu acho que é difícil pra mim nesse momento (JOVEM/ALUNA 2).

A jovem/acadêmica (2) relatou, ainda, que o seu projeto de estudo é para melhorar as condições de vida, mas tem receio quando se trata do futuro profissional, tem medo de terminar a faculdade e não conseguir se firmar profissionalmente. Mesmo com essas angústias, ela se sente realizada enquanto jovem.

Eu faço tudo que eu quero, na medida em que eu posso, claro, com responsabilidade, mas eu acho que pra mim está tudo bem, estou aproveitando muito bem minha juventude (JOVEM/ACADÊMICA 2).

A jovem/acadêmica (3) afirmou que teve poucas oportunidades para viver a juventude, mas as aproveitou com responsabilidade, e se acha madura para a fase que está vivendo.

Quanto a ser jovem sim, porque assim eu me vejo madura (...) em questão relacionada à vida, o cotidiano, e ao mesmo tempo assim como é que vou dizer... Não tive muitas oportunidades de viver a minha juventude, mas as poucas oportunidades que eu tive eu conseguir absorver e gostei, dessas que eu pude ter da juventude e acredito que sim (JOVEM/ACADÊMICA 3).

Me sinto realizada sim como jovem, como pessoa. Porque eu faço o que eu gosto de fazer, estudar, estar perto de meus amigos, conversar, trabalhar (...) de sentir que a cada dia estou aprendendo um pouco mais, porque to correndo atrás de um futuro (...) eu gosto disso, como pessoa isso me faz bem (JOVEM/ALUNA 4).

A jovem/acadêmica (6) foi a única que diz não se sentir realizada enquanto jovem, e que uma de suas realizações é a conclusão do curso, mas ainda tem outros objetivos a serem alcançados

Realizada acho que ainda não, porque eu tenho muitos objetivos a serem alcançados, um deles agora que estou me formando está sendo alcançado, mas os outros (...) tem que ta sempre buscando, mas realizada mesmo, ainda não me sinto (JOVEM/ALUNA 6).

Pelos depoimentos, é possível inferir que há várias formas da sociedade representar a juventude e dos jovens de compreendê-la. Em geral, ela é concebida como uma fase da vida em que se vivencia a transição para a vida adulta. Carrano (2003) sinaliza de forma adequada as ambigüidades da expressão juventude, chamando atenção para compreendê-la em uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais.

CAPÍTULO 3

JOVENS E A CONDIÇÃO DE ALUNO: ESTRATÉGIAS E PROJETOS DE PROFISSIONALIZAÇÃO

Tendo em vista que os jovens acadêmicos ingressam no curso de Educação Física motivados por fatores diversos e, no processo de formação, aprendem estratégias para lidar com os diferentes sentidos dados à profissão, o propósito desse capítulo é examinar os fatores que condicionam o ingresso no curso, as estratégias relacionadas às condições de classes e as situações familiares utilizadas pelos jovens acadêmicos para permanecerem no ensino superior, bem como as perspectivas profissionais que possuem.

3.1 RAZÕES DA ESCOLHA DO CURSO

As preocupações com as questões de cuidar do corpo através da prática de atividades físicas passaram a ser exaltadas na sociedade contemporânea. Simultaneamente a este fato, pode-se observar com clareza o aumento e o desenvolvimento de variadas opções no campo de intervenção profissional possíveis para o profissional de Educação Física. A profissão vem crescendo, ao propor espaços diversificados, o que lhe favorece a conquista de uma quantidade significativa de estudantes nela interessados. Com a finalidade de suprir essa demanda, Instituições de Ensino Superior passam a oferecer alternativas de formação neste curso de graduação. Aliadas a este acontecimento, algumas mudanças são propostas nos currículos de Educação Física, com o objetivo de atenderem ao mercado de trabalho, que demanda os campos da educação, esporte e saúde. Nesse cenário, interessa examinar quais as explicações formuladas pelos jovens acadêmicos em relação à escolha do curso.

A escolha do curso aparentemente se apresenta como decorrente do *gosto*, *do interesse*, enfim como se fosse feita por *livre decisão do indivíduo*. Entretanto, há fatores sociais e estruturais diversos (que se relacionam às estratégias familiares, escolares e de classes), inclusive, ligados à trajetória familiar e pessoal que

influenciam na escolha. No caso dos jovens/acadêmicos (1) e (5), o esporte influenciou de maneira significativa a opção pelo curso:

A princípio eu entrei pela simples influência do esporte (...) eu já jogava futebol, então isso me fez escolher esse curso. Mas depois disso outros motivos vieram em minha cabeça, vem formando cada vez mais essa opinião, como o crescimento da área de Educação Física, por ser muito amplo vai dar muitas oportunidades ai, onde quer que o profissional queira atuar (JOVEM/ACADÊMICO 1).

Acabei escolhendo porque era uma coisa que eu gostava mais de fazer, que era esporte (...) tinha que escolher alguma coisa acabei escolhendo Educação Física (JOVEM/ACADÊMICA 5).

Os depoimentos dos jovens acadêmicos vêm confirmar o estudo de Figueiredo (2008, p.106), que mostra a importância da escola na escolha do curso de Educação Física:

Em todas as situações que levam o aluno à escolha da Educação Física, uma relação comum. Quer seja como primeira opção, quer seja como segunda, terceira ou quarta opção, a escolha esteve, de alguma maneira, em algum momento, relacionada a experiências como esporte e ou outra atividade corporal de forma positiva ou negativa dentro ou fora da disciplina. Significa dizer, então que as experiências construídas na Educação Física e fora dela são referências fundamentais para os alunos que ingressam no curso (p.106).

Bracht (1992), em suas reflexões diz que o esporte se impôs à Educação Física, como conteúdo e como sentido dela própria. Portanto, o esporte é que legitima a Educação Física e, em linhas gerais, as pessoas confundem o conceito de Educação Física, considerando que pode ser simplesmente substituído pelo esporte

No decorrer do processo de formação dos jovens/acadêmicos, outras concepções sobre o curso são construídas, na medida em que o estudante entra em contato com o universo de conhecimentos e práticas predominantes no campo. O jovem/acadêmico (1) afirmou ter ingressado no curso com a expectativa de ser um técnico de futebol, mas que este propósito foi mudando no processo de formação e, hoje, o seu principal objetivo é atuar em escola, executar projetos e programas esportivos. A escolha do curso relaciona-se, em geral, as suas experiências com as atividades de futebol, que motivou o desejo de realizar uma formação profissional em uma área que abrangesse a referida modalidade esportiva. Buscando saber o

que fez ampliar sua visão, ele respondeu:

Isso é fruto da convivência com os professores, nem todos, alguns deles, eles vão te passando um conhecimento novo na sala de aula, nos corredores, é... no local de trabalho e vão te provocando a curiosidade que te faz caminhar pra aquilo (JOVEM/ACADÊMICO 1).

A jovem/aluna (5) confirmou ter feito a escolha influenciada pela prática de esporte e ter obtidos benefícios na saúde e na estética. Ao iniciar as atividades no curso, foi aprendendo a lidar com o campo. Além do esporte, aspectos ligados ao corpo, saúde e estética também foram responsáveis pela escolha da jovem acadêmica e os estudos sobre o corpo são múltiplos e variados, em suas formas de abordagem. Afirma:

Eu não tinha nem uma idéia do curso de Educação Física assim (...) entrei meio perdida, daí com o tempo foi crescendo a idéia, amadurecendo, aprendendo (...) a única coisa que influenciou mesmo foi eu praticar um esporte (...) e eu consegui (...) melhorar a saúde, a estética jogando, então isso mudou a minha vida, e assim eu gostei muito, então foi mais por esse lado (...) eu amo o que faço, quero dar certo nessa área. Às vezes alguém até fala bem assim: Ah! Mas se arrumar um emprego numa loja ganha tanto, não, eu quero trabalhar na minha área, quero dar aula de Educação Física ou academia, ou outra coisa, mas quero trabalhar na minha área (JOVEM/ACADÊMICO 5)

O jovem/acadêmico (4) manifestou uma concepção pautada por forte identificação com a área da saúde, e diz que a motivação para o curso se relaciona ao desejo de interferir na saúde e qualidade de vida das pessoas, e reconhece que a grade curricular do curso não tem esse foco como o alvo principal, mas ressalta que investirá na sua formação para atingir as suas metas profissionais.

Na área de performance humana tive que buscar fora, porque o curso não oferece, mas isso é normal, até porque o curso só instrui e você tem que buscar mais (JOVEM/ACADÊMICO 4)

Neste sentido, o que se constatou foi a presença de uma tênue identificação do jovem/ acadêmico com os pressupostos filosóficos e epistemológicos da grade curricular centrada na licenciatura, ele tem a percepção de que, se realmente quiser incorporar conhecimentos aprofundados na área da *performance* humana, ele vai ter que focar no campo não escolar.

A Jovem/acadêmica (2), conforme depoimento abaixo, expressou que ao ingressar no curso supunha *algo lúdico*, contemplando um montante de ações práticas *divertidas*, entretanto durante o curso apreendeu que eram práticas fundamentadas teoricamente e que, para além de aprender a fazer o exercício físico, o mais importante era aprender lidar com o ensino de Educação Física.

Eu escolhi porque, primeiro achava que ia ser fácil, achava que Educação Física era a coisa mais boa do mundo, era só fazer trilha, andar no meio do mato, pular na piscina, mas quando eu cai aqui foi diferente. No início, foi assim, meio complicado, eu não queria, eu não tava gostando (..) mas depois eu fui me adaptando e fui descobrindo que era realmente o que eu queria, porque tinha coisas que tinha haver comigo eu sempre gostei de dar aula e que era realmente tudo que eu queria.(...) não sei se vou ter a gratificação que estou buscando (JOVEM/ACADÊMICA 2).

Por outro lado, a Jovem/Acadêmica (3), declarou que foram motivos diversos que a levaram escolher o curso como: o baixo custo de mensalidade e a oportunidade do mercado de trabalho no estado do Tocantins, que necessita de uma quantidade grande de professores de Educação Física para suprir a demanda necessária.

A escolha foi inicialmente, mais pela questão financeira, na época quando entramos, eu e outros colegas também (...) era o curso mais barato. E na época a gente já se preocupava com a nossa região (...) aqui no Tocantins não tem muito professor de Educação Física (...) foram esses dois motivos (JOVEM/ACADÊMICA 3).

A Jovem/Acadêmica (6) declarou que não julgava o mercado para a Educação Física promissor, e que inicialmente preferiu tentar vestibular em outra área, porém não foi bem sucedida e, nesse intervalo de tempo acabou sendo influenciada pela mãe que a fez repensar suas habilidades para a dança e o gosto por ensinar, e acabou convencendo-a a ingressar nesta área.

Eu sempre gostei de educação física, mas eu achava que o mercado de trabalho de Educação Física era muito pouco, então, eu prestei pra ciências contábeis e não passei, então a minha mãe ficou falando: presta atenção, olha o que você gosta de fazer, e você gosta de mexer com esporte, com dança, (...) ai eu parei pra pensar, ela me orientou pra eu fazer assim uma revisão do que eu queria (JOVEM/ACADÊMICA 6).

Os jovens acadêmicos entrevistados, de uma forma ou de outra, tem alguma

experiência na área da educação física seja no esporte, no espaço escolar e outras atividades relacionadas a sua. Essa situação se aproxima das conclusões de Figueiredo (2008) quando afirma:

Fato que essas experiências estão fortemente identificadas com uma concepção de Educação Física que é vista como campo do esporte, da atividade física ou da saúde, o que foi evidenciado em, praticamente, todos os depoimentos. A escolha da Educação Física representa, para esses alunos, a prática de atividades nas quais o aluno já teve uma experiência ou que ainda vai ter (p.107).

Assim sendo, pode-se afirmar que a escolha do curso pelos jovens acadêmicos que, aparentemente é feita por uma livre decisão, na verdade deixa transparecer a influência de fatores sociais e estruturais, que podem se relacionar às estratégias familiares e escolares.

3.2 ESTRATÉGIAS DE MANUTENÇÃO

Os jovens ingressam no ensino superior como forma de buscar uma distinção social e durante a sua trajetória acadêmica, os jovens alunos pertencentes às camadas populares, sujeitos desta pesquisa, passam por muitas dificuldades e para atingir o tão almejado diploma de ensino superior precisam lançar mão de estratégias diversas para se manterem no curso.

Em conformidade com os estudos realizados por Canezin et al (2003, 2004, 2007), cujo propósito é investigar os jovens como agentes sociais sob a perspectiva de Bourdieu, as estratégias são concebidas como sentido prático adquiridos pelos jovens para lidar com os diferentes campos em que estão inseridos. Segundo a referida autora, o conceito de estratégia para Bourdieu se caracteriza como:

O sentido prático que advém da capacidade de participação do agente no jogo dos diferentes campos sociais, contando com a apropriação e manutenção de diferentes espécies de capital. Tal conceito é fundamental para a compreensão da teoria de campos, entendidos como espaços de produção e de circulação de bens culturais e simbólicos, permeados por relações de poder, expressas em conflitos, lutas, consensos entre os diversos agentes que, dispostos hierarquicamente, utilizam diferentes estratégias para apropriação e/ou domínio desses bens, como formas de autoridade legítima e prestígio. As ações do agente no campo são medidas pela capacidade de participação no jogo (...) Cabe ressaltar, ainda, que,

para Bourdieu, uma estratégia não pode ser compreendida fora de um sistema de estratégias de uma determinada classe ou fração de classe (BOURDIEU *apud* CANEZIN et al.2007, p.122).

Na perspectiva desta pesquisa, o curso de Educação Física constitui uma forma de os jovens acadêmicos adquirirem conhecimentos e lutarem para desenvolverem um projeto profissional e, mediante a obtenção de título de licenciado em Educação Física, conquistarem espaços no mercado de trabalho.

Para apreender quais estratégias os jovens acadêmicos pesquisados utilizam para terem acesso e se manterem no curso de Educação Física, lembrando que, como todas as fundações municipais criadas nas últimas décadas, a instituição de ensino superior que freqüentam é pública, de direito privado e, assim sendo, cobra uma mensalidade, que custa em média trezentos e cinquenta reais, valor este significativo para a maioria dos entrevistados.

A estratégia no sentido exposto não é só individual, mas uma forma de mobilização familiar. Viana (2007) chama a atenção e descreve com base na literatura sociológica disponível sobre o investimento escolar familiar como um conjunto de práticas e atitudes voltadas intencionalmente para o rendimento escolar. Essas práticas e atitudes constituem-se tanto de intervenções práticas (controle sistemático das atividades escolares, escolha dos estabelecimentos de ensino e das carreiras escolares, encaminhamento de atividades de reforço e para-escolares, comparecimento a reuniões pedagógicas e conselhos de classe etc) quanto de sustentação moral e afetiva (diálogos sobre a escola, apoio nos momentos mais difíceis). Enfim, o que se destaca é o fato de a escola se configurar como prioridade familiar no cotidiano.

Eu pago minha faculdade, eu trabalho em dois lugares e é o suficiente para pagar, mas infelizmente não sobra dinheiro, então minha mãe me dá o que eu preciso (...) meus irmãos, eles trabalham e quando eu preciso se não for possível eles me dar o dinheiro, me emprestam (...) meu pai ensinou que a gente possa sempre se ajudar, se um dia alguém tiver melhor, ajudar o próximo, até que todos tenham uma situação mais confortável (JOVEM/ACADÊMICO 1).

Este jovem/acadêmico, além de trabalhar em dois empregos para dar conseguir pagar a mensalidade, ainda conta com a ajuda da mãe e dos irmãos. Neste sentido, destaca-se, então, a mobilização familiar para tornar possível a empreitada de possuir um diploma de ensino superior.

Graças a meus irmãos eu consigo me manter na faculdade, então eu acredito que, pelo que meu pai e minha mãe passaram pra eles, eles estão me ajudando agora, para que num futuro bem próximo eu possa retribuir isso pra eles, não financeiramente, mas de uma maneira que vá além disso, que eu possa dia, ter um bom emprego, não é dar dinheiro para todo mundo, mas oferecer conforto (...) e uma condição de vida mais digna(JOVEM/ACADÊMICO 1).

Embora no mundo moderno as garantias e as formas de autoridade tenham se tornado frágeis e os laços entre os membros familiares também, a função do poder da família, no processo de socialização, parece ainda estar presente. Carvalho apud Canezin (2002) acredita que a família continua a ganhar importância no processo de formação do indivíduo. Sua função de exercer poder e definir limites encontra espaço no processo de socialização, embora ocorra maior participação de outras instituições como a escola. Assim, a família como agência socializadora não deixou de ser importante para transmitir modos de pensar e agir, presentes na cultura e sociedade, apenas surgiram espaços diferenciados que atuam no processo de formação dos jovens.

A escola entra na pesquisa como fator dinâmico na relação família-escola e torna-se relevante estar atento ao que Terrail apud Viana (2007) chama atenção, quando adverte que, para tomar a escola como uma das dimensões de objeto de estudo, é necessário pensá-la na sua interdependência com a família. A escola entra na dinâmica da produção do sucesso escolar como ator ativo, por exemplo, enquanto instância que estabelece parâmetros de sucesso. A exigência de um tipo particular de sujeito, portador de determinadas disposições racionais, cognitivas, culturais e morais, constitui, conforme tal entendimento, um desses parâmetros. A centralidade que ela assume na vida dos indivíduos e das famílias, como produtora de identidade, identidade negativa para quem dela está excluído, constitui outro parâmetro.

No entendimento de Romanelli (1995, p. 452), *“a entrada dos filhos no curso superior é parte integrante do projeto das famílias de camadas médias que pretendem assegurar – e mesmo ampliar – a continuidade da ascensão social da família, mediante a habilitação profissional dos filhos”*. A família da jovem/acadêmica (3) oferece, de acordo com as suas possibilidades, um tipo de vida à filha que lhe permite investir o seu tempo em estudos, como disse a própria:

Não me deixando trabalhar, primeiramente, assim eles sempre deixaram todo tempo livre para que eu tivesse só que estudar. Então eles não me cobraram questão de casa pra arrumar, ou ter que trabalhar, então essa foi uma forma que eles estimularam para que a gente estudasse, principalmente eu (JOVEM/ALUNA 3).

De acordo com a perspectiva metodológica de Viana (2007), a escola aparece neste trabalho de forma indireta, na suposta existência da imbricação de territórios família-escola. Na expressão do autor:

O confronto de classe vivido na escola desencadeia rupturas. A escola passa a ser um lugar de confrontações difíceis, de vivências penosas de apróbio e de crise de identidade, por causa da inferiorização cultural que aí se dá, mas representa, ao mesmo tempo, contraditoriamente, a possibilidade por excelência de saída, de salvação. (VIANA, 2007, p.31).

Conforme declarou a jovem/acadêmica 4, é possível verificar as imbricações entre a dinâmica familiar e a escolar.

Sempre, minha mãe dizia que tudo que ela fazia era pela gente é até a gente se formar ela estava com a gente, sempre influenciou tanto na escola quanto na religião, (...) agora deixa mais livre porque ela fala que a gente que escolhe o caminho, mas sempre se colocou muito na frente de tudo (...) meu pai e minha mãe me ajudam pagar a faculdade, as contas e o dinheiro que ganho na academia é pra gastar comigo (JOVEM/ACADÊMICA 4).

Ainda de acordo com o pensamento de Viana (2007, p.47), ao articular estratégia e mobilização familiar afirma que *“nós definimos a estratégia como a busca racional de objetivos pela adoção de um conjunto de práticas e atitudes ideológicas ou morais que têm efeitos, materiais ou não, em vista do sucesso escolar dos filhos. Essas condutas sociais são chamadas de mobilização.*

Quanto aos modos de sentir dos jovens acadêmicos, pôde-se verificar que relacionam-se, com bastante evidência, com as expectativas familiares em relação à escolarização, sendo possível de se constatar de acordo com o depoimento:

Eu tenho medo de principalmente de decepcionar a minha mãe, porque ela é a pessoa que mais me apóia, então, assim eu tenho medo... tipo eu passei quatro anos na faculdade e tenho medo de não conseguir... não conseguir é superar essa expectativa que ela colocou em mim (JOVEM/ACADÊMICA 6).

Na sociedade contemporânea, os jovens inserem-se em diferentes universos sociais e culturais, muitas vezes contraditórios entre si. Vivem esta fase da vida de

modo diferente. Para a maioria dos jovens, segundo Novaes (2003), o tempo da juventude termina mais cedo em virtude de sua precoce inserção no mercado de trabalho. Para outros, as melhores expectativas nos estudos tendem alongar-se até os 29 anos. Verifica-se, com efeito, *que qualquer que seja a faixa etária estabelecida, os jovens da mesma idade vão viver juventudes diferentes* (NOVAES, 2003, p.121).

Em relação aos entrevistados, jovens/acadêmicos de camadas populares que conseguiram ingressar no ensino superior, perceberam-se confrontações difíceis com os seus universos sociais e culturais de origem, mas prevalece a referência às trajetórias dos pais e dos irmãos que não conseguiram realizar a escolarização sonhada.

Os meus pais, como todos os pais da minha faixa etária, não tiveram muita oportunidade de estudar e os meus não foram diferentes e eles fizeram uma promessa pra eles mesmos, que todos os filhos deles iriam se formar, infelizmente essas promessas às vezes não se cumprem, eu tenho 03 irmãos, somente eu segui nos estudos (...) e eu pensei que ia ser a solução que eles queriam para os três (...) eles investiram em mim e pretendo suprir esse investimento deles (JOVEM/ALUNO 5).

Além do esforço que as famílias mobilizam para proporcionar condições de estudos para seus filhos, eles utilizam também de estratégias pessoais, como a dedicação aos estudos. Nesta direção, destaca-se a participação dos jovens/acadêmicos (1) e (5) nos projetos de extensão da faculdade, demonstrando um nível considerável de envolvimento.

Eu, no 3º período, comecei a participar do projeto de iniciação científica patrocinado pelo CNPq e FINEP e a gente trabalha com idoso, com a qualidade de vida (...) passo as tardes no laboratório, e isso me força a estudar (JOVEM/ACADÊMICO 5)

Eu faço parte do projeto PAIDEIA, que é um projeto de extensão que trabalha com iniciação esportiva com crianças da comunidade, a exigência no projeto é muito grande, mas vale a pena, eu aprendo muito (JOVEM ACADÊMICO1).

Diferente dos jovens entrevistados que se caracterizam como filhos de famílias pertencentes às camadas populares, os jovens das camadas médias da sociedade, nessa fase da vida, contam com a ajuda de suas famílias em termos da disponibilidade de diferentes capitais (econômico, cultural e social), a fim de melhor prepararem-se para a entrada no mundo do trabalho. Autores como Zago (1998),

que investigam relação entre pertencimento a camadas sociais e ingresso no ensino superior, pontuam que “*Essa situação resulta das condições financeiras e culturais dessas famílias, pois os filhos têm menores compromissos financeiros, além de desfrutarem de maior disponibilidade para procurar experiências novas*” (ZAGO, 1998, p.125).

Os jovens/acadêmicos entrevistados fazem parte de outra realidade, a grande maioria deles trabalha ou já trabalhou para ajudar na sua permanência no curso, e para proporcionar melhores condições de viver sua juventude.

Em *Perfil da juventude Brasileira* (2005) foram expostos dados relevantes para o contexto em que se pretende entender o significado da família na constituição do modo de ser jovem e suas estratégias para permanecer no ensino superior. A indagação feita para informar sobre a opinião do jovem acerca do que é mais importante para ele em sua vida hoje, o apoio familiar veio em primeiro lugar, com 75% e o esforço pessoal obteve 61%.

Hoje estão vivendo por minha causa, a questão de ter que trabalhar mais para pagar meus estudos acredito (...) que a contribuição que eu posso dar para eles é de estar ajudando eles futuramente (...) esse estágio é uma bolsa auxílio, no caso ela é descontada na mensalidade, mas a minha ajuda está vindo mais de meus pais, (...) a faculdade e as despesas de onde eu moro e alimentação, tudo é por conta deles ainda (JOVEM/ALUNA 3).

Na tentativa de minimizar os efeitos das relações de força determinadas pela sociedade, os jovens lançam mão de diversas estratégias como forma de adentrar, permanecer, e até mesmo alcançar legitimidade no campo. O estudo de Zago (2006) sobre percursos de estudantes universitários de camadas populares é ilustrativo para se compreender a lógica de movimentação dos jovens que se encontram na situação dos acadêmicos, sujeitos dessa pesquisa.

Se o ingresso no ensino superior é uma vitória, a outra será certamente garantir sua permanência até a finalização do curso. Originários de famílias de baixa renda, esses estudantes precisam financiar seus estudos e, em alguns casos, contam com uma pequena ajuda familiar para essa finalidade. Provenientes de outras cidades ou estados, (...) tem suas despesas acrescidas pelo fato de não morar com a família. Nesses casos, residem (...) com parentes, ou ainda, dividem a casa ou apartamento com os colegas (...) os jovens dão início a seus estudos de nível superior sem ter certeza de até quando poderão manter sua condição de universitários (ZAGO, 2006, p.233).

Por esse ângulo, entender o jogo utilizado pelos jovens universitários para se

manterem no ensino superior é também compreender a situação juvenil no Brasil, na qual apenas uma minoria dos jovens está inserida. Essa perspectiva os situa numa condição supostamente privilegiada, pois mesmo com tantas adversidades conseguiram adentrar ao ensino superior. Cabe destacar, como pontua Zago (2006), que a presença das camadas populares no ensino superior não oculta as reais diferenças sociais na composição dos cursos e no exercício da vida acadêmica, bem como reforça que os percursos escolares de longa permanência na escola e o ingresso tardio no mercado de trabalho são ainda privilégio de poucos.

3.3 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

As possibilidades de atuação profissional no campo da Educação Física são diversificadas, não ocorrem tão somente em escolas de ensino fundamental e médio, mas também em outros espaços envolvendo crianças, jovens, adultos, idosos, portadores de necessidades educativas especiais, além de instituições públicas, particulares, academias, clubes sociais/esportivos e recreativos, condomínios, laboratórios de pesquisa, centros comunitários, empresas, hotéis, praias, hospitais, instituições de reabilitação. Com um universo abrangente de possibilidades de atuação, os profissionais que almejam entrar no mercado de trabalho manifestam expectativas diferentes.

Os jovens entrevistados dão um valor muito grande aos processos de formação profissional. E a maioria destes jovens combina trabalho e estudo, realiza uma precoce inserção no mercado de trabalho, não tendo um tempo em termos de moratória para estudar e depois trabalhar como fazem, em geral, os filhos das classes médias e da burguesia

O aumento da escolarização não tem se traduzido necessariamente em postos no mercado de trabalho. Contraditoriamente, os dados demonstram um aumento significativo, na última década, de jovens freqüentando as escolas, *sob a égide de uma forte crise econômica que estagnou o crescimento, acentuou desigualdades e fez aumentar o desemprego* (SPÓSITO, 2005, p. 96). Nessa perspectiva, os jovens procuram adquirir um *pacote de competências adequadas ao mercado, na expectativa de não serem considerados “exército de reserva”*.

Dentre os objetivos do curso de graduação em Educação Física da UNIRG

está o propósito da formação de profissionais capacitados a compreender, atender e responder de forma eficiente às diferentes manifestações da cultura do movimento corporal presentes na sociedade. Neste sentido, destacam-se as particularidades culturais de caráter regional, os diferentes campos de interesses identificados com a escolarização nos diversos sistemas e níveis de ensino e a especificidade do trabalho profissional no âmbito da formação educativa, esportiva e social.

Muitos jovens ingressam no curso de educação física motivados pelo esporte e lidam com a expectativa de atuar exclusivamente nesse segmento, mas durante o processo de formação acadêmica deparam-se com outros universos de possibilidades de atuação profissional, o que os fazem criar novas perspectivas. De acordo com as falas dos jovens, é possível visualizar um mercado de trabalho fluido e oscilante, no qual nem sempre se pode escolher onde se quer trabalhar, e que eles têm certo interesse profissional, mas se um não der certo, serve outro, ou seja, na verdade eles querem é estar trabalhando ou empregados.

Expectativa... pra falar a verdade, eu tenho muito medo de não conseguir nada, mas eu espero que consiga um emprego, seja na área escolar, ou na academia, qualquer lugar eu acho que eu quero ter uma boa expectativa, mas ainda não tem nada formado, não sei (JOVEM/ACADÊMICA 4).

Infelizmente eu não vou poder escolher onde eu vou trabalhar, mas onde eu espero trabalhar é na escola ou numa escolinha de iniciação esportiva, mas se isso não for possível, eu tenho que estar me preparando pra o que vier (JOVEM/ACADÊMICO 1).

Apesar do medo de não conseguir um emprego e da percepção de que para trabalhar qualquer uma das áreas torna se uma possibilidade, mesmo que não seja aquela de seu interesse, os jovens/acadêmicos expuseram seus projetos profissionais.

Eu queria ser técnico ou um profissional da área de esporte, mas a gente sabe que isso é muito difícil, é uma profissão de risco, hoje eu vejo que é mais difícil ser um bom técnico de futebol em grandes equipes do Brasil, e se for o caso, posso também trabalhar na escola (JOVEM/ACADÊMICO 5).

Entrei com a expectativa de ser um técnico de futebol, mas isso foi mudando e pra mim agora o principal objetivo é trabalhar em escola e executar projetos, programas esportivos. Eu pretendo ser um profissional diferenciado, que procure fugir do que já vem acontecendo (...) o rolar a bola, então a partir do que já vem acontecendo, eu quero me tornar um profissional (JOVEM/ACADÊMICO 1).

Percebe-se que os conhecimentos adquiridos durante o curso, principalmente

os que se referem a aspectos educacionais e preparação de futuros professores, interferem consideravelmente nas escolhas profissionais dos alunos.

Eu entrei no curso querendo dar aula de dança, porque eu acho que era a que mais dominava, então, assim depois essa expectativa foi sendo substituída, hoje em dia eu quero ser uma professora de educação física da disciplina de educação física nas escolas (JOVEM/ACADÊMICA 6).

As perspectivas na área educacional na região são muitas, pois existe, segundo depoimentos dos entrevistados, um déficit desses profissionais nas unidades escolares municipais e estaduais de muitas cidades do estado, daí a esperança de conseguir passar em um concurso e ocupar uma destas vagas é muito grande.

(...) eu pretendo trabalhar na área da Educação Física escolar, mas eu vejo assim, pela necessidade da região (...) eu falo que é educação por que as oportunidades são maiores no mercado local, tem muita cidade que precisa de professor de Educação Física (...) numa dessas oportunidades espero passar em um concurso (JOVEM /ACADÊMICA 3).

Outro aspecto a ser tratado nesse trabalho é a importância dada às questões relacionadas ao corpo e aos padrões considerados como legítimos na sociedade. Nesse cenário complexo de manifestações sobre as questões corporais, os jovens/acadêmicos entrevistados manifestaram grande interesse em ocupar os espaços profissionais ligados à estética corporal.

Arruda apud Mourão (2006) sustenta que, nos anos de 1990, a saúde ganha um cunho mais narcíseo e hedonista, buscando apoio nas novas tecnologias de intervenção corporal, o que aponta para um aumento do seu consumo, que levou a um *prestígio inegável desta na mídia a na vida cotidiana*. Durante esse período, aumentou a quantidade de academias de ginástica e as ofertas de trabalho para o professor de Educação Física na área do *fitness*, absorvendo uma quantidade grande de profissionais.

Na entrevista da jovem/acadêmica (4), ficou explicitado o seu grande interesse pela academia de ginástica, onde atualmente ela já atua como professora de musculação e *jump*, declarando gostar muito dessa área de atuação, na qual tem a expectativa de se estabelecer profissionalmente, embora considere também interessante ser docente do ensino superior.

(...) tanto escolar, como a parte das academias, que é uma área que eu gosto muito e gostaria que desse certo (...) e eu também tenho a vontade de acabar dando aula em faculdade (...) eu acho bem interessante (JOVEM/ACADÊMICA 4).

(...) eu gostaria de ter uma formação maior em outras áreas. Como de academia, de dança, alguma coisa assim ligada à ginástica (JOVEM/ACADÊMICA 3).

Já o jovem/acadêmico (5) manifestou uma forte identificação com a área da saúde, afirmando que, inicialmente, pretende investir na área de academia, e futuramente se preparar para ministrar aula na faculdade, sendo este seu maior desejo profissional.

Pretendo investir na área da academia, gosto muito de trabalhar com a saúde das pessoas (...) mais meu principal objetivo é seguir minha preparação para ser professor universitário (JOVEM/ACADÊMICO 5).

A partir desse contexto, verificou-se a necessidade de se conhecer os jovens como sujeitos que vivenciam as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, possuem aspirações profissionais, vêm na escolarização uma maneira de se ascenderem socialmente, mesmo num cenário composto por tantas adversidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito do presente trabalho foi analisar o universo sócio-cultural dos jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG e compreender as estratégias (re)criadas e os projetos de profissionalização concebidos por eles. Para realizar esse objetivo buscou-se a apreender os modos de pensar e agir desses jovens, suas trajetórias escolares, a vivência da condição juvenil, as razões que os levaram à formação no campo da Educação Física e o projeto de profissional por eles visualizado. Pode-se afirmar que o processo de investigação possibilitou, a partir dos dados coletados, fazer uma análise e entender quem são esses jovens e como se movimentam no campo da Educação Física.

A sistematização e análise dos dados foram organizadas tendo por referência três eixos do universo desses jovens. O primeiro, delimitou o cenário, ou o campo da Educação Física, em que os jovens acadêmicos se movimentam no processo de formação universitária. O segundo, buscou identificar qual a relação dos jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG com as categorias família, escola, trabalho, religião e ao modo de ser jovem. O terceiro, examinou os fatores relacionados à situação de classe e as estratégias por eles utilizadas para permanecerem no ensino superior, bem como as perspectivas profissionais.

Para delimitar panoramicamente a constituição do campo da Educação Física, onde os jovens circulam no processo de formação, tornou-se relevante estabelecer um diálogo com os escritos de Bracht. Este autor diferencia a Educação Física entre campo acadêmico e prática pedagógica, e afirma que até a década de 1970 essa prática pedagógica foi esvaziada do processo de teorização. A teorização da Educação Física enquanto prática pedagógica tomou corpo na década de 1970. Cabe destacar que, mesmo ela sendo objeto de modelos importados, que valorizavam os aspectos biológicos e esportivistas, a Educação Física possuiu um sentido eminentemente pedagógico. Nesse contexto, o campo acadêmico se institui fundamentado na esportivização da Educação Física, em consequência perde de vista a educação do corpo na escola enquanto objeto e passa a se debruçar sobre o fenômeno esportivo com a finalidade de melhoria da performance humana.

Os movimentos renovadores que ocorrem a partir década de 1990 apontam para um processo de repedagogização da Educação Física, causando impacto, na medida em que busca superar o limite meramente esportivistas e orientar se numa perspectiva de incorporação dos fundamentos teórico críticos das ciências humanas. Entretanto, embora tenha ocorrido esse avanço epistemológico no campo da Educação Física constata-se que no formato da sociedade capitalista em desenvolvimento, dado o avanço do processo de mercantilização das práticas corporais, assiste-se a uma perda de legitimidade no que se refere à Educação Física escolarizada e às políticas públicas educacionais.

Este cenário histórico do campo da Educação Física - desde os aspectos do higienismo e o militarismo até esses movimentos atuais - influencia o universo sócio-cultural dos jovens acadêmicos. A educação do corpo na perspectiva higiênica perdeu vigor e, nesse momento, o corpo é cada vez mais focado como mercadoria numa sociedade pautada pelo consumo, o imediatismo e a transitoriedade. O corpo aparece na contemporaneidade como um bem valorizado não apenas pela burguesia, e transforma-se em espaço simbólico, com um valor *superior* para diferentes camadas da sociedade, tornando-se capaz de denunciar o estilo de vida e um conjunto de normas de conduta. Como já foi salientado nesse trabalho o corpo e a juventude aparecem no mercado de signos como naturalizados. É o que Abad (2003) denomina na sociedade contemporânea de fenômeno da juvenilização da cultura. A cultura de juvenilização ganhou todos os espaços possíveis – a escola, a rua, o trabalho, o interior das casas – e continua diariamente invadindo o imaginário dos indivíduos de todas as idades. As sociedades contemporâneas promovem um culto ao corpo “em que se torna comum a idéia de que a preocupação com a aparência e juventude está cada vez mais disseminada em todas as classes, profissões e faixas etárias” (GOLDENBERG, 2002, p. 8). Os jovens acadêmicos do curso de Educação Física fazem parte desse cenário. Transitam em um universo de formação que possibilita a sua inserção em ambientes profissionais como as academias, para atuarem na forma de *autoridades* capazes de ditar as regras e estimular o que é necessário ser feito para a aquisição do corpo exigido pela sociedade atual.

Em geral nos depoimentos dos jovens entrevistados percebe-se a tensão entre duas perspectivas de educação - do corpo produtivo e de educação de um

corpo mercadoria. As subjetividades dos jovens acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG expressam essa tensão.

No contexto da sociedade atual, as práticas corporais tornam-se cada vez mais mercantilizadas e o acesso da população às práticas corporais ocorre via serviços sociais mais competitivos.

O foco no jovem se deu por partir do pressuposto de que a condição juvenil vai além da condição monolítica de aluno e para esta pesquisa foi muito importante perguntar quem é esse jovem acadêmico do curso de Educação Física da UNIRG, de que lugar social e de que universo sócio-cultural ele é originário. Assim, verificou-se que os jovens pesquisados apresentam condições sócio-econômicas que os caracterizam como pertencentes às camadas populares.

E com o propósito de apreender quem são estes sujeitos jovens, para além da condição de estudantes, buscou-se identificar como se relacionam com as categorias família, escola, trabalho, religião e ao modo de ser jovem, ou seja, à concepção que possuem de juventude e o que pensam dela.

Constatou-se que as famílias, em geral pertencentes às camadas populares, têm um papel importante na mobilização dos jovens para ingressarem e se manterem no ensino superior. Acompanhando as tendências expostas pelas pesquisas sobre a temática da juventude, o apoio familiar aparece como de fundamental importância na vida dos jovens. Os pais, apesar dos poucos recursos financeiros, apoiaram a escolha de um projeto acadêmico, sem mesmo conhecerem a área e suas particularidades profissionais ou saberem do que se tratava o curso de Educação Física. Constatou-se pelos relatos dos jovens acadêmicos, que seus pais, em seu apoio simbólico, crêem na ascensão social via conquista de títulos, escolarização causadora de oportunidades de trabalho. Em outras palavras, pode-se afirmar que a família investe na escolarização de seus filhos como perspectiva de produzir ascensão e alterar as condições sociais de existência. Apesar de os pais não terem tido a oportunidade de estudar, incentivam seus filhos a construírem uma história diferente da sua e, embora tenham muitas dificuldades financeiras investem na escolarização como uma forma de afirmação profissional.

Diante da possibilidade de ascensão social dos filhos, os pais constroem expectativas para o futuro e, mesmo não compreendendo a essência da formação dos filhos, eles acreditam que seus filhos poderão vencer e fazer a reconversão

almejada pela família. A afirmativa de que futuramente pretendem ajudar os pais e proporcionar tranquilidade e uma vida mais digna a eles é recorrente demonstrando que o jovem reconhece a necessidade de ajudar seus pais, quando possuir melhores condições. Percebeu-se que os jovens também possuíam expectativas, conforme seus pais e comuns aos agrupamentos familiares, desejando sucesso profissional e independência financeira. Os jovens entrevistados e as suas famílias acreditam que através do investimento e da acumulação de capital cultural escolar poderão ocupar lugares melhores que os de origem, fugindo assim da lógica de reprodução.

A investigação também revelou a importância da religião na constituição do modo de ser jovem dos estudantes entrevistados. A religião é entendida como meio *de apreender as coisas certas*, um caminho a seguir e uma maneira de ficar bem espiritualmente. O espaço religioso, ao que parece tornou-se um dos lugares sociais que dá sentido à vida, ao mesmo tempo em que lhes possibilita o fortalecimento e o enfrentamento das dificuldades. Neste sentido, pode-se perceber que a maioria dos jovens acadêmicos entrevistados tem um estreito vínculo com a religião, inclusive interferindo no modo de ser e de agir. Além disso, destaca-se que a influência da família é fundamental para a aquisição e manutenção desse sentido que atribuem à religião.

Apesar das dificuldades para permanecerem no ensino superior, apresentam-se otimistas em relação aos planos para o futuro, objetivam assim alcançar um bom emprego, atuarem na área da Educação Física e serem independentes financeiramente. Pôde-se verificar que, para alguns dos jovens acadêmicos o trabalho representa a continuidade no ensino superior, ou seja, sem uma remuneração eles não conseguiriam se manter na faculdade. Para outros, o trabalho é uma de suas preocupações no sentido da incerteza de conseguir uma vaga no mercado, o que representa para eles uma frustração. Assim sendo, pode-se afirmar que a categoria trabalho está no rol das preocupações dos jovens que anseiam conseguir um emprego para terem condições de uma vida digna.

Em relação ao modo de ser jovem, o que se pôde constatar pelas concepções expressas, é que concebem a juventude como um tempo de aproveitar a vida, e simultaneamente, expõem ser um período de buscar o futuro. É possível perceber que o tempo de transição para a vida adulta é vivenciado por eles com responsabilidade e dificuldade, sendo identificados em atividades como estágios e

trabalhos e, algumas vezes, mais de um trabalho. Na vida dos jovens entrevistados, o trabalho subsidia parte das mensalidades escolares e despesas pessoais, enquanto que, simbolicamente, também significa ter dignidade e responsabilidade.

No entanto, quando se perguntou aos jovens dessa pesquisa sobre o que pensam da juventude, na atualidade, nos relatos evidenciaram-se posições que são concernentes a modelos culturais dominantes. Para eles, o jovem é irresponsável e só quer aproveitar a vida, não pensa em fazer projetos de futuro e aproveitar as oportunidades para crescer na vida. E percebe-se que esta postura, não é a adotada por eles.

Na tentativa de minimizar os efeitos das relações de força determinadas pela sociedade, os jovens lançam mão de diversas estratégias como forma de adentrar, permanecer, e até mesmo alcançar legitimidade no campo. Assim, entender o jogo utilizado pelos jovens acadêmicos para se manterem no ensino superior é também compreender a situação juvenil no Brasil, na qual apenas uma minoria dos jovens está inserida. Essa perspectiva os situa numa condição supostamente privilegiada, pois mesmo com tantas adversidades conseguiram adentrar ao ensino superior.

Ao examinar os fatores relacionados à situação de classe e às estratégias utilizadas para permanecerem no ensino superior, bem como as perspectivas profissionais, verificou-se que os jovens acadêmicos do curso de Educação Física se vêem em um processo de formação profissional sem a clara identificação com as diretrizes do curso, mas se mobilizam em direção às possibilidades de empregabilidade. A representação que parecem fazer do curso está fortemente identificada com suas trajetórias individuais e com o prolongamento dessas trajetórias durante os anos de formação. As escolhas do curso se realizam pelas suas trajetórias individuais e de classe social.

Outro dado que merece destaque na pesquisa é o fato de que os jovens desse estudo fizeram quase todo o percurso escolar em escolas públicas. Condicionados pelas condições econômicas desfavorecidas, os jovens recorrem a diversas estratégias para permanecerem no ensino superior, neste caso compreendido como instância formadora do campo científico. O campo científico como qualquer outro campo social, é um espaço de luta concorrencial. Para permanecerem no ensino superior, os jovens lançam mão de inúmeras estratégias que podem ser identificadas no movimento que fazem para se manterem neste

espaço. Nesta perspectiva, demonstram estar inseridos em uma realidade juvenil na qual precisam combinar estudo e trabalho, lidam com condições econômicas desfavoráveis e desfrutam de quase nenhum tempo livre para lazer.

Além do esforço que as famílias mobilizam para proporcionar condições de estudos para seus filhos, utilizam também de estratégias pessoais, como a dedicação aos estudos, e isso se configura através da participação dos jovens acadêmicos em projetos de extensão da faculdade, demonstrando assim um nível considerável de envolvimento. Neste sentido, pode-se confirmar a importância que os jovens atribuem às relações familiares para o seu desenvolvimento pessoal, ao mesmo tempo em que, para os pais, o investimento que fazem na trajetória escolar dos filhos representa a possibilidade de fugirem da lógica da reprodução, ou seja, é uma perspectiva de produzir ascensão e alterar as condições sociais de existência, vislumbrando que os filhos possam ocupar um lugar melhor que o de origem.

Os resultados da investigação sinalizam que no curso de Educação Física da UNIRG, os jovens acadêmicos pesquisados não são somente alunos – objetos de ensino, mas agentes jovens que situados em condições de classes e portadores de determinados capitais tem expectativas, sonhos, anseios. Estes jovens em processo de formação têm a necessidade de além da qualificação profissional compreender a lógica de funcionamento da sociedade em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel et al. (Orgs.) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, Instituto Cidadania, 2005.

ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia e PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.). *Políticas Públicas: Juventude em Pauta*. São Paulo: Cortez, 2003.

ABRAMO, Helena Wendel. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. In: Revista Brasileira de Educação, n. 5, mai/jun/jul/ago. 1997, n.6, set/out/nov/dez. 1997.

_____. *Condição juvenil no Brasil contemporâneo*. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. *Procurando o lado escuro da lua: implicações sociais da prática de atividades corporais realizadas por adultos em academias de ginástica de Goiânia*, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

BETTI, Mauro, 1957- *Educação física e sociedade*. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

Bogdan, r.& Biklen, S. *Investigação qualitativa em Educação*. Portugal - Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRACHT, Valter. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. *Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in) feliz*. Ed.UNIJUÍ, Ijuí, 1999. (Coleção Educação Física).

_____. *Por uma teoria da prática*. Rio Claro, 1996. In: Revista Motus Corporis, v. 3, n. 2, dez.1996.

BRASIL (2001). Parecer CNE/CP 009. Conselho Nacional da Educação. Conselho pleno.

_____. (2002a). Resolução CNE/CP 001. Conselho Nacional da Educação. Conselho pleno.

_____. (2002b). Resolução CNE/CP 002. Conselho Nacional da Educação. Conselho pleno.

_____. (2004a). Resolução CNE/CES 0058. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Superior.

_____ (2004b). Resolução CNE/CES 007. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Superior.

CANESIN, Maria Teresa et. al. Contribuições conceituais sobre juventude, família e escola. *Revista Educativa*. Departamento de Educação da UCG. Goiânia, v. 5, n. 1, p. 51-78, jan/jun. 2002.

_____. Jovens Estudantes e os significados simbólicos das agências formadoras. *Revista Educativa*. Departamento de Educação da UCG. Goiânia, v. 6, n. 2, p. 253-269, jul./dez.2003.

_____. Jovens, educação e campos simbólicos. Goiânia: UCG, 2007.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. In: *Movimento* – Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: DP&A, n. 1, maio, 2000.

_____. *Juventudes e Cidades Educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CASTELLANI FILHO, Lino. Pelos meandros da Educação Física. In *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.29, n.1, CBCE, p. 119-125, maio de 1993.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

CORRÊA, Livindo de Senna; MORO, Roque Luiz. *Educação Física Curricular: reflexão e ação curricular*. Ijuí: Editora Unijui, 2004.

FALCÃO, José Luiz Ciqueira. A produção do conhecimento na educação física brasileira e a necessidade de diálogos com os movimentos da cultura popular. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v.29, n.1, CBCE, p. 143-162, setembro de 2007.

FIGUEIREDO, Zenólia C. Campos. Experiências Sociocorporais e formação docente em Educação Física. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n.10, p. 85-110, 2008.

FORACCHI, Marialice. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Nacional, 1965.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma de cultura. In: *Juventude e Sociedade – trabalho, educação, cultura e participação*. NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (orgs.). São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004, p. 89-114.

KUNZ, Elenor. Ciências do esporte da educação física e do movimento humano: prioridades, privilégios e perspectivas. In: CARVALHO, Yara M., LINHALES Meily Assbú (Orgs). *Política científica e produção do conhecimento em educação física*. LOCAL<EDITORA<DATA??

- INEP. Sistema Integrado de Informações da Educação Superior, Brasília: 2004. Disponível no site www.inep.gov.br.
- LASSANCE, Antonio. Brasil: jovens de norte a sul In: ABRAMO, Helena Wendel et al. (Orgs.) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, Instituto Cidadania, 2005. p.73-86.
- LOVISOLO, Hugo. Esporte competitivo e espetáculo esportivo In: MOREIRA, Wagner Wey e SIMÕES, Regina (org). *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000. p.15-24.
- MARTINS, Ida Carneiro; BATISTA, José Carlos de Freitas. Educação Física: formação e prática profissional. In: *Educação Física: Cultura e Sociedade*. Campinas, SP; Papyrus, 2006.
- MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (h)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.79-137.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.
- MOURÃO, Ludimila, SANTO, Giannina do Espírito Santo. A auto-representação da saúde dos professores de educação física de academias. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v.27, n.3, CBCE, p. 39- 56, maio 2006.
- NEIRA, Marcos Garcia. Expansão dos cursos de Educação Física no estado de Mato Grosso do Sul e Centro-Oeste: uma análise educacional do ensino superior. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital – Buenos Aires – Año 10 – n°83 – Abril de 2005.
- NOGUEIRA, Maria Alice. *A construção da excelência escolar - Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- _____. *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 125-154. NOVAES, Regina et al. (Orgs).
- _____. Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão. *Revista Brasileira de Educação*. Maio/jun/ Ago, 2004, n. 26.
- _____. Um arbitrário cultural dominante. *Revista Conhecimento e Saber*. Série especial de educação 2007, p.39-45.
- NOVAES, Regina. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, Maria Virgínia e PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.). *Políticas Públicas: Juventude em Pauta*, São Paulo: Cortez, 2003.
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, São Paulo, n. 5/6, 1997, p. 15-24.

ROMANELLI, Geraldo. *Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos - O estudante trabalhador*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. O significado da educação superior para duas gerações de famílias de camadas médias. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, n. 184, v.76, set./dez., 1995. p. 445-475.

ROSÁRIO, Alberto Trovão do. A sociedade, o corpo, o desporto In: MOREIRA, Wagner Wey e SIMÕES, Regina (org). *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000. p.15-24.

ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: MENDES, Maria Isabel, EUGENIO Fernanda (Orgs). *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

SABINO, César. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nú e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 139-188.

SILVA, Marcos Antonio da. *Normas para elaboração e apresentação do trabalho acadêmico na UCG*. Goiânia: Ed da UCG.2002.

SOARES, C. L. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas: autores Associados, 1994.

SPOSITO, M. Algumas reflexões e indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. Estudos sobre juventude em educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 5, mai/jun/jul/ago. 1997 e n.6, set/out/nov/dez. 1997.

VENTURA, Paulo Roberto Veloso. *A prática pedagógica da educação física em escolas públicas de Goiânia*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB, 2000.

VIANA, Maria José Braga. *Longevidade escolar em famílias populares: algumas condições de possibilidade*. Goiânia: Ed. Da UCG, 2007.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006. p. 226-236.

_____. Realidades sociais e escolares e dinâmica familiar nos meios populares. In: *Paidéia*. FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, fev./ago. 1998. p.63-73.

ANEXOS

Anexo I - Roteiro do questionário

Este roteiro foi adaptado da pesquisa "Agrupamentos e Culturas Juvenis: espaços de sociabilidade e Formação", coordenada pela professora Dr^a. Maria Tereza Canezin Guimarães.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Este questionário foi elaborado com o objetivo de obter informações a respeito da realidade sócio-cultural do jovem acadêmico do curso de Educação Física da UNIRG. Responda-o com sinceridade.

Data: ____/____/____

PERÍODO: _____

PERFIL DO JOVEM

1- Sexo:

() masculino () feminino

2- Idade:

() 17/18 anos

() 19/20 anos

() 21/22 anos

() 23/24 anos

3- Em que cidade você nasceu?

4- Em que estado você nasceu?

5- Você reside em Gurupi? () Sim () Não

6- Há quanto tempo?

() menos de um ano () de três a cinco anos

() de um a dois anos () mais de cinco anos

7- Se reside há pouco tempo, você veio para gurupi por quê?

- () para estudar () para tratamento de saúde
() para trabalhar () motivos familiares
()

outros _____

8- Em que setor ou bairro? _____

9- Estado civil:

- () solteiro () divorciado
() casado () separado
() mora junto () viúvo

10- Tem filhos?

- () sim () não

Questões 11 e 12: só para os que têm filhos

11- Quantos filhos você tem?

- () um filho () três filhos
() dois filhos () mais de três filhos

12- Quem cuida dos filhos?

- () a mãe da(s) criança(s) () o pai da(s) criança(s)
() os avós () a babá
() os irmãos mais velhos () ficam na creche
() os outros familiares ()
outros _____
() os vizinhos

13- Mora com a família?

- () sim () não

Questão 14: só para quem não mora com a família

14- Se não mora com a família, de que forma vive?

- () sozinho () com outra família (parentes ou amigos de seus pais)
() com amigos () no local de trabalho

TRABALHO

15- Você trabalha?

sim não

16- Se você trabalha ou já trabalhou, com quantos anos começou a trabalhar?

antes dos 14 anos dos 14 aos 18 anos acima dos 18 anos

Questões de 17 a 22: só para os que trabalham

17- Que tipo de trabalho você faz hoje?

18- Onde (supermercado, loja de roupas, academias, escola pública, etc.)?

19- Quantas horas você trabalha por dia?

quatro horas seis horas oito horas nove horas ou mais

20- Seu trabalho é:

fixo temporário

21- Tem carteira assinada?

sim não

22- Aproximadamente, quanto você ganha por mês?

- nada
 até R\$200,00
 de R\$ 200,00 a R\$ 400,00
 de R\$ 400,00 a R\$ 600,00
 de R\$ 600,00 a R\$ 1.000,00
 de R\$ 1.000,00 a R\$ 1.400,00
 de R\$ 1.400,00 a R\$ 2.000,00
 de R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00
 mais de R\$ 3.000,00

Questões 23 a 25: para os que não trabalham

23- Se não trabalha, já trabalhou?

sim não

24- Que tipo de trabalho você fazia? _____

25- Como você se sustenta?

- vivo com a minha própria renda
- sou sustentado pela família
- sou sustentado por parentes
- outras formas _____

26- Qual o nível de instrução do seu pai?

- sem escolaridade
- ensino fundamental incompleto
- ensino fundamental completo
- ensino médio completo
- superior completo
- pós-graduação

27- Qual o nível de instrução da sua mãe?

- sem escolaridade
- ensino fundamental incompleto
- ensino fundamental completo
- ensino médio completo
- superior completo
- pós-graduação

28- Qual é a atividade profissional do seu pai?

29- Ele está trabalhando?

- sim
- não

30- Qual é a atividade profissional de sua mãe?

31- Ela está trabalhando?

sim não

32- Qual é a renda da sua família?

- até R\$ 200,00
- de R\$ 200,00 a R\$ 400,00
- de R\$ 400,00 a R\$ 600,00
- de R\$ 600,00 a R\$ 1.000,00
- de R\$ 1.000,00 a R\$ 1.400,00
- de R\$ 1.400,00 a R\$ 2.000,00
- de R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00
- mais de R\$ 3.000,00

TRAJETÓRIA ESCOLAR

33- Qual foi o curso que você fez no ensino médio?

- não-profissionalizante
- magistério
- técnico
- outro _____

34- Em que tipo de escola você estudou até hoje?

- escola pública
- escola particular
- parte em escola pública, parte em escola particular
- outros _____

35- Antes do vestibular você fez algum curso preparatório para o exame?

Sim Não

Se fez, quanto tempo? _____

36- Quantas vezes você prestou o exame para o vestibular?

- uma quatro a cinco
- duas a três cinco ou mais vezes.

37- Já reprovou? Quantas vezes?

38- Qual a sua idade quando ingressou no curso superior?

39- Explique até três (3) motivos, em ordem de importância, que levaram você a fazer este curso de graduação:

1. _____

2. _____

3. _____

40- Por que você escolheu essa faculdade?

() qualidade do ensino

() proximidade do local de trabalho/moradia

() custo financeiro

() possibilidade de conciliar trabalho e estudo

() por sugestão de amigos e/ou familiares

() outros

41- Que dificuldades você está enfrentando na realização do curso? Justifique sua resposta.

42- Você considera que fez a escolha correta do curso? justifique sua resposta.

43- Você participa/participou de algum programa de iniciação científica, monitoria ou estágio?

() Sim () Não

44.1. Que tipo de profissional você pretende ser?

44.2. Você acha que o curso irá lhe preparar para ser este profissional? Em que ? por que?

RELIGIÃO

45- Você tem religião?

() sim () não

Questões 46 a 48: só para quem tem religião

46- Em caso positivo, qual a sua religião?

() católica () espírita

() evangélica () outras

Qual? _____

47- Você é praticante?

() sim () não

48- Qual é a igreja/templo/centro que você frequenta? _____

MODO DE SER JOVEM

49- Para você o que é ser jovem?

50- Em sua opinião, quais os problemas enfrentados pelos jovens nos dias atuais?

51- Qual o meio que você mais utiliza para se manter informado (a) sobre os acontecimentos atuais? (marque três em ordem de importância)

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> jornal escrito | <input type="checkbox"/> jornal falado (TV) |
| <input type="checkbox"/> jornal falado (rádio) | <input type="checkbox"/> revistas (Veja, Isto é, etc.) |
| <input type="checkbox"/> conversando com pessoas | <input type="checkbox"/> pelos professores, na sala de aula |
| <input type="checkbox"/> não tem se mantido informado | |

52- Você participa de algum dos agrupamentos abaixo?

- | | |
|--|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> sindicato | <input type="checkbox"/> esportivo |
| <input type="checkbox"/> partido político | <input type="checkbox"/> religioso |
| <input type="checkbox"/> associação de bairro | |
| <input type="checkbox"/> outros Quais? _____ | |
| <input type="checkbox"/> não participo de nenhum grupo | |

PROJETO PROFISSIONAL

53- Com qual expectativa profissional você entrou no curso?

54- Quais as possíveis áreas de atuação profissional, você consegue visualizar no campo da Educação Física?

55- Qual a sua expectativa profissional na Educação Física hoje? Justifique.

Anexo II - Roteiro de entrevista

Este roteiro de entrevista foi adaptado da pesquisa "Agrupamentos e Culturas Juvenis: espaços de sociabilidade e Formação", coordenada pela professora Dr^a. Maria Tereza Canezin Guimarães)

Roteiro de entrevista

1. Ser jovem

- 1.1 Você se sente jovem? O que é ser Jovem?
- 1.2 Como você percebe os jovens, hoje?
- 1.3 O que você gosta de fazer quando encontra com os amigos da sua idade?
- 1.4 Das coisas que você faz o que mais gosta de fazer?
- 1.5 O que você gostaria de fazer e não consegue e porque ou não pode fazer?
- 1.6 Porque não faz essas coisas?
- 1.7. Você tem maior convivência com os colegas da universidade ou com outros jovens (da família, da Igreja, etc)?
- 1.8. Quais lugares da cidade que você mais frequênta? Em quais espaços você gostaria de ir, mas por motivos diversos não tem acesso?
- 1.9. Você vai frequentemente ao cinema, qual tipo de filme, quais eventos, shows, tipos de música?
- 1.9 Quais são seus planos para o futuro?
- 1.10 Quais medos você tem quando pensa na vida?
- 1.11 Como você vê o mundo no contexto destas mudanças? E como você sente?
- 1.11 Você se sente realizado enquanto jovem? Por quê?
- 1.12 Cite alguns problemas e também coisas boas que você percebe na juventude nos dias atuais.

2. Família/Religião

2. Como você definiria a sua família?

2.4. Desde a infância os pais lhe estimularam a estudar? Como?

2.5 Sua família é importante na sua vida? Quais hábitos você considera que a sua família te ensinou?

2.6 . O que seus pais esperam de você?

2.7 Eles influenciaram na escolha do curso superior?

2.8 Quais as diferenças entre a sua vida e a vida de seus pais na sua idade? Como eles (os pais) viveram a juventude?

2.9 Você tem religião? É praticante? Frequenta com sua família? Que importância tem a sua religião na sua vida?

3. Trabalho

3.1 Você trabalha? Há quanto tempo?

3.2 O que você faz (Trabalha na área, estágio ou fixo)? Quantas horas dedicadas?

3.3 Como você se mantém? Recebe ajuda dos pais?

3.4 Qual a sua remuneração?

4. Escola/ Trajetória Escolares

4.1 Fale sobre sua vida escolar.

- Com que idade entrou na escola?
- Onde estudou na infância, durante este período fez algum tipo de atividade extracurricular, reprovações, tipo de escola, os professores (as)
- Fale sobre experiências escolares que influenciaram a sua vida (os momentos mais expressivos)
- Se você tivesse que definir a sua vida escolar, o que diria?
- Qual o curso você fez no ensino Médio? Como era o ensino? No ensino médio qual a disciplina teve mais facilidade e/ou gostava mais de estudar?
- Você fez cursinho preparatório para vestibular? Quanto tempo?

4.2 Você considera que fez a escolha correta do curso? O que te motivou a fazer esta escolha? Elencar motivos.

4.3 Você foi influenciado por amigos ou parentes na escolha do curso? Quem foi?

4.4 O saber que você tinha ao entrar no curso ajudou-lhe no processo de formação do curso? Quem tipo de saber?

4.5 O que você espera do curso?

4.6 Você participa ou participou de algum programa de iniciação científica grupo de estudo na faculdade?

4.8 Quantas horas você estuda por semana? Qual o tipo de leitura você faz, independente do exigido pelas disciplinas do curso?

4.9 Você faz atividades como: (dança, música cursos na área da informática, idiomas, intercâmbio).

4.10 Com que idade ingressou no ensino superior?

4.11 O que você mais gosta no seu curso? Que matérias tem mais identificação?

4.12 Você utiliza a internet? Quantas horas por dia ou por semana? Com qual intuito utiliza a internet?

4.13. O que você aprendeu na universidade (saber fazer), na realização do seu curso, você já “utiliza” na suas atividades?

4.17. Quais as disciplinas que mais influenciam na direção da sua opção profissional?

4.18. Que tipo de profissional você pretende ser?

4.19. Você acha que o curso irá lhe preparar para ser este profissional? Em que? Por quê?

5. Projeto profissional

5.1 Com qual expectativa profissional você entrou no curso?

5.2 Quais as possíveis áreas de atuação profissional, você consegue visualizar no campo da Educação Física?

5.3 Em qual área da Educação Física você mais se identifica?

5.4 No decorrer de sua formação os conhecimentos adquiridos no curso, influenciaram a sua opção anterior?

5.5 Qual a sua expectativa profissional na Educação Física hoje? Justifique.